PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
SUBSECRETARIA DE ENSINO
COORDENADORIA DE EDUCAÇÃO
GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

PEJA II

HISTÓRIA E GEOGRAFIA

BLOCO II

UNIDADE DE PROGRESSÃO I

Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro

Eduardo Paes

Secretaria Municipal de Educação

Claudia Maria Costin

Subsecretaria de Ensino

Regina Helena Diniz Bomeny

Coordenadoria de Educação

Maria de Nazareth Machado Barros

Gerência de Educação de Jovens e Adultos

Maria Luiza Lixa de Mendonça

Equipe da Gerência de Educação de Jovens e Adultos

Adriana Araújo da Silva
Fátima Luzia Valente
Hérica Ferreira dos Santos Marinate
Katia Regina das Chagas Moura
Lavínia Nogueira de Albuquerque
Lucia Silveira Cavalcante de Oliveira
Luzanira Scalercio
Margarete de Oliveira Nascimento
Maria das Mercês Navarro Vasconcellos
Maria Helena Neves Pereira de Souza
Márcia Santos Xavier
Núbia Vergetti

Organizadores do Material de História e Geografia

Adelino de Carvalho
Adriano Gama de Oliveira
Carlos Henrique de Freitas Azevedo
Claudio Homero Diniz
José Carlos Lima de Souza
Maria das Graças Schittino Vieira
Maristela Conceição Dias Siqueira
Nerilson Denevides Liers
Ofélia Pereira Ferraz
Paulo Gomes Coutinho
Rosa Maria Pires de Freitas

Organizadora e coordenadora dos trabalhos

Alessandra Nicodemos

Telefones: 2273-8941/ 2976-2292

e-mail: gejasme@rioeduca.net

Qual é a diferença entre artesanato e fábrica?
Tempo é dinheiro? A industrialização mudou a vida nas cidades?

Fonte: http://farm2.static.flickr.com/1044/551702851_f2ddd6131e.jpg.Acessado em 24/11/2008

Durante muito tempo, na história dos homens e das mulheres, a produção dos bens necessários à sua sobrevivência era feita de um jeito muito diferente dos dias de hoje. O artesão produzia sozinho ou com sua família todas as etapas da confecção de um objeto. Era dono da matéria-prima e das ferramentas que usava em seu trabalho, realizado num ritmo natural, em que "era possível conversar, rir, parar e recomeçar".

Uma das formas mais antigas e tradicionais desse artesanato é a arte de tecer os fios e transformá-los em tecidos. E foi na Inglaterra, no século XVIII, que grupos que acumularam capitais, como os grandes comerciantes, perceberam que poderiam aumentar seus lucros, se investissem na tecelagem da lã e mais tarde, na do algodão. Adquiriam a matéria-prima, distribuíam para as famílias e depois compravam os produtos bem baratos e revendiam por um preço bem mais alto. E assim foram criadas as primeiras manufaturas de tecidos, oficinas montadas para substituir o artesanato doméstico e produzir "muitos produtos iguais e em grande volume".

De que forma? Com a **divisão do trabalho.**

Os trabalhadores passaram a ser contratados como assalariados, não tendo mais controle sobre o seu trabalho. E a cada um cabia realizar apenas uma parte da tarefa. Passava a existir a diferenciação da força de trabalho, com cargos mais ou menos qualificados, com maior ou menor salário.

Mas isso não bastava para atender às necessidades de se produzir mais produtos num mundo cuja procura aumentava sem cessar. As máquinas foram chegando. A cada necessidade, uma nova invenção. Da manufatura, na qual o trabalhador usava ferramentas mais simples, como o tear manual, se passou à produção nas f**ábricas,** em que a máquina veio substituir gradativamente a força do trabalho humano.

Esse processo de transformações técnicas e econômicas, caracterizado pela substituição das ferramentas pela máquina, da energia humana pela energia mecânica e do trabalho doméstico pelo trabalho na fábrica, ficou conhecido como **Revolução Industrial**. Iniciada na Inglaterra em meados do século XVIII é considerada até hoje uma das mais radicais transformações da vida humana.

O século XVIII foi tão marcante na história das sociedades européias que foi chamado pelo historiador Eric Hobsbawm de a Era das Revoluções. Por que Revoluções? A palavra revolução é usada quando acontecem grandes mudanças e transformações na estrutura de uma sociedade, que podem ser no modo de governo, na economia ou ainda nas relações sociais.

Antecedentes da Revolução Industrial

Não foi por acaso que a Revolução Industrial começou na Inglaterra, que na época era o único país europeu que reunia condições para desenvolvê-la. Entre essas condições destacam-se:

- **A Revolução Gloriosa**, de 1688, que concluiu o processo iniciado com a Revolução Puritana, em 1649, a burguesia mercantil inglesa, aliada a setores da aristocracia rural conseguiu se impor à monarquia absolutista, transformando-a em uma monarquia parlamentar, o que trouxe mais poder de decisão política a burguesia, que já tinha acumulado com o comércio, **capital** suficiente para aplicar no desenvolvimento das máquinas e construção de fábricas.

- **As leis dos cercamentos** acabavam com os campos comuns aos proprietários e lavradores, destinando-os à criação de ovelhas e à agricultura comercial. Resultaram na expulsão de uma grande parte destes trabalhadores rurais que, para sobreviverem, foram obrigados a migrar para as minas de carvão ou para as cidades, em busca de emprego nas novas fábricas que surgiam. Eles formaram a **mão-de-obra assalariada**, fundamental na produção dos novos produtos industrializados que começavam a chegar ao mercado.

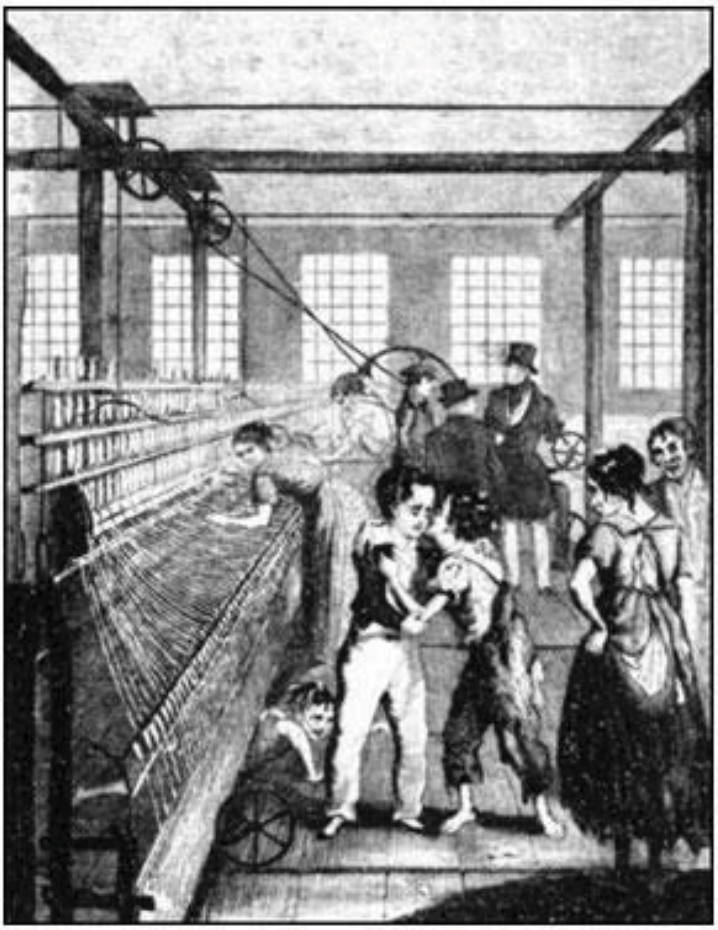
- **Os recursos naturais** (matérias-primas) necessários à produção, como o carvão mineral e a lã, abundantes na Inglaterra, e o algodão, vindo das suas colônias da América para a fábrica têxtil.

Tempo é dinheiro? E as condições de trabalho como ficam?

A industrialização concentrou os trabalhadores nas fábricas, que, desde então, perdem o seu saber técnico, apenas executam o que foi planejado, não controlam mais seu horário e seu ritmo de trabalho, que agora é ditado pela máquina, pelo tique-taque do relógio.

Porque para os empresários era preciso aproveitar cada minuto: o tempo passou a ser valioso para ganhar dinheiro. Não havia mais o limite da luz natural. A iluminação a gás chegou e uma jornada de trabalho passou a ter a duração de 15 a 16 horas diárias. Os trabalhadores eram obrigados a se sujeitarem às duras regras da produção da fábrica, sem pausas para descanso, em ambientes insalubres, com pouca ventilação, e salários muito baixos, insuficientes para a sua manutenção e a da sua família em condições mínimas de dignidade.

Com isso, todos trabalhavam: pais, mães e filhos!



Fonte: http://www.planetaeducacao.com.br.Acessado em 24/11/2008

E, em muitos casos, os donos das fábricas passaram a dar preferência ao trabalho das mulheres e crianças, que, além de receberem salários ainda menores que os dos homens adultos, eram considerados mais “dóceis” para “aceitar” as condições de trabalho impostas. A História sempre registrou a existência da exploração do trabalho infantil, mas, com certeza, com a Revolução Industrial houve a intensificação desta prática.

O depoimento abaixo, de um administrador de fábrica de 1836, ilustra esta situação. Foi dado às Comissões Parlamentares Inglesas que investigavam as condições de trabalho nas fábricas.

Depoimento

- A que horas da manhã, com tempo bom, essas moças chegam à fábrica?
- Com tempo bom, durante cerca de seis semanas, chegam às três da manhã e saem as dez ou dez e meia da noite.
- Que intervalos existem durante essas dezenove horas de trabalho para alimentação e descanso?
- Quinze minutos, respectivamente para o almoço, lanche e jantar.
- Alguns desses intervalos são utilizados para a limpeza de máquinas?
- Quase sempre as moças são obrigadas a fazer o que chamam de "pausa seca", às vezes a limpeza toma todo o intervalo do almoço ou do lanche.
- Não há dificuldades para acordar essas jovens depois de um trabalho exaustivo como esse?
- Há sim; de madrugada é preciso sacudi-las para que acordem.
- Tem havido acidentes com elas em conseqüência desse trabalho?
- Sim, minha filha mais velha esmagou o dedo na engrenagem.
- Perdeu o dedo?
- Teve de ser cortado na segunda falange.
- Ela recebeu pagamento durante o acidente?
- No dia em que aconteceu o acidente, o pagamento foi suspenso.

Fonte: HUBERMAN, Leo. História da riqueza do homem p. 191

A reação dos trabalhadores

Os trabalhadores começam a reagir a esta situação de exploração. Um dos primeiros movimentos desta reação foi a quebra de máquinas, como protesto contra o desemprego e as péssimas condições de trabalho e salários. Muitas vezes, esta destruição não acontecia, servia mais como pressão para forçar a negociação. Ficou conhecido como **movimento ludista**, em homenagem a Ned Ludd, um dos seus líderes. Foi duramente reprimido pelo governo com prisões e até mesmo a forca. O ludismo acabou perdendo força como forma de luta.

Posteriormente, os operários se organizaram, no final da década de 1830, num movimento que ficou conhecido como **Cartismo.** Coletavam assinaturas e encaminhavam aos parlamentares ingleses suas reivindicações: como a diminuição do número de horas de trabalho e a regulamentação do trabalho feminino e infantil e direitos políticos como o de votar e de poder eleger representantes dos operários. Embora não tenham sido atendidos em todas as suas reivindicações, algumas leis com pequenas modificações começaram a ser implantadas, como a proibição do trabalho de crianças com menos de 9 anos e a redução da jornada para 10 horas diárias.

É com os **sindicatos** que os operários conseguem se organizar coletivamente e criar instrumentos de pressão, como os boicotes e greves. Assim, o seu poder de negociação aumentou na luta por melhores condições de trabalho e de vida.

Foi em 1824, que o parlamento inglês – Câmara dos Comuns – votou uma lei reconhecendo o direito de associação que até então era restrito às classes dominantes. Conquistado o direito de livre associação, vêm à luz as uniões operárias. Considerados os primeiros sindicatos, ou trade-unions, como as chamam os ingleses, logo se desenvolveram por toda a Inglaterra, em todos os ramos de produção. As trade-unions tinham o objetivo de fortalecer o operário na luta contra a exploração capitalista. Assim, passaram a fixar os salários para toda a categoria, evitando com isso que o operário atuasse isoladamente na luta por melhores salários. Começaram também a regulamentar os salários em função do lucro, obtendo aumentos que acompanhavam a produtividade industrial e nivelando-os para toda a categoria. Negociavam suas propostas com os capitalistas e, quando eram rejeitadas, deflagravam-se as greves. Auxiliavam financeiramente os operários em greve ou desempregados, através das Caixas de Resistências, o que aumentava a capacidade de luta.

Em seguida surgiram as Federações que passaram a agrupar as várias categorias de uma região. Em 1830 constituiu-se uma associação geral de operários ingleses – a Associação Nacional para a Proteção do Trabalho – cujo objetivo era atuar como central de todos os sindicatos. Reunia cerca de cem mil membros do setor dos têxteis, mecânicos, fundidores, ferreiros, mineiros etc. A função principal da Associação Nacional era resistir de forma unificada à diminuição dos salários e dar apoio aos operários em greve. Uma vez desrespeitado o salário fixado pelas trade-unions, enviavam uma delegação junto ao patronato exigindo sua aceitação. Se isso não fosse suficiente, recorria-se à paralisação daquele ramo ou setor.

PAULO AGUENA (Adaptado)

Segunda Revolução Industrial

A primeira Revolução Industrial, como vimos, aconteceu na Inglaterra, entre 1760 e 1850, com o uso do carvão como fonte de energia para movimentar as máquinas a vapor. Ocorreu a automatização da produção e modernização dos transportes, com a criação das ferrovias.

O processo de industrialização avançou para além dos limites ingleses, estendendo-se a outros países da Europa e Ásia. Mas foram os Estados Unidos da América do Norte que entraram em evidência, com a chamada **Segunda Revolução Industrial**. No período situado entre 1860 e o início da 1ª Guerra Mundial (1914/1918) surgem a eletricidade e o motor à explosão. O petróleo começa a ser usado para movimentar carros e navios, o ferro passa a ser transformado em aço e invenções como o telégrafo e o telefone permitem uma rapidez maior na comunicação.

São criadas novas formas de organizar o trabalho da fábrica:

- O **fordismo,** que se caracterizava pela produção em série, foi criado por Henry Ford. O produto vai deslizando automaticamente por uma esteira e vai passando pelos trabalhadores, que, fixos em determinado lugar, realizam apenas uma etapa da sua produção.

- O **taylorismo,** método desenvolvido por Frederick Taylor, para aumentar a produtividade da fábrica, ajusta o movimento das máquinas e dos homens, de modo a eliminar os movimentos desnecessários, controlando as ações de cada trabalhador, para que execute sua tarefa no menor tempo possível.

Fonte: Jornal do Brasil , 19 de fevereiro de 1997

Recentemente, os estudiosos têm se referido a uma Terceira Revolução Industrial, com o surgimento das novas tecnologias de informação, que combinam o uso da informática e da robótica, o avanço das telecomunicações e o uso de novos métodos de controle dentro das indústrias. Esse processo tem como resultado o aumento da produção, redução nos custos dos produtos e a diminuição dos postos de trabalho.

Diferentemente do que aconteceu anteriormente, não há um determinado país que tenha tomado à frente, acontece em várias partes do planeta, sendo causa e conseqüência do processo de mundialização da economia.

A cidade se transforma

A industrialização provocou um grande crescimento urbano com a saída da população do campo para trabalhar nas fábricas. Muitas delas se estabeleceram próximas umas das outras porque precisavam das mesmas fontes de energia e de estradas e portos para o transporte. A grande massa da população operária se empilhava ao redor, morando em porões e casas de cômodos, dando origem aos bairros operários.

Espaços pequenos e sem ventilação abrigavam famílias inteiras, que tinham, em sua maior parte, apenas palha como cama e suas próprias roupas a lhes cobrir o corpo no frio. Longe do seu antigo modo de viver, essa nova classe de operários pobres que estava se formando, sem opção, teve de se adaptar. Eram comuns as epidemias e o alcoolismo.

As condições sanitárias eram muito ruins. Não existia rede de água e esgoto. Estes serviços começaram a ser instalados nos bairros de classe média, onde se via outra realidade, com ruas planejadas e casas confortáveis e só muito depois, já no início do século XX, chegaram às vilas operárias e aos bairros populares.

Ao voltarmos os nossos olhos para a realidade de muitas cidades industrializadas hoje, em nosso país e em diferentes lugares no mundo, em que aconteceu uma industrialização tardia, observamos que esse "modelo" de urbanização ainda está presente.

A busca por trabalho fez (e ainda faz) com que milhares de pessoas migrem dos campos para as cidades. E nestas, as condições de moradia e de serviços são precárias para uma boa parte da população trabalhadora, moradora de favelas e bairros periféricos. Uma urbanização que reflete, na organização do espaço da cidade, a desigualdade entre os grupos sociais.

Industrialização e aquecimento global

Ganha força nos dias de hoje o debate mundial sobre a responsabilidade da ação do homem sobre o aquecimento global, já que os efeitos da industrialização são considerados responsáveis pelo agravamento da elevação da temperatura da Terra, especialmente, nos últimos 50 anos. Situação que desafia as sociedades humanas industrializadas a procurar saídas para promover o desenvolvimento sustentável, sem destruir o que resta de recursos ao planeta e favorecer uma maior justiça social, estendendo as conquistas da industrialização a todos.

O desafio está lançado. Será aceito e enfrentado?

Fonte: http://i79.photobucket.com/albums/j128/_ucha/friburgo/poluicaoindustrial.jpg.Acesado em 24/11/2008

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

1. Observe as cenas do filme Tempos Modernos de Charles Chapplin, que representam situações dentro da fábrica e a relação trabalhador x máquina. Escreva um texto com suas conclusões.

2. Leia o texto abaixo e identifique o lugar e a época em foi escrito.
   Ele poderia ter sido escrito hoje?
   Em que ele poderia ser considerado atual? Por quê?

"Um dia andei por Manchester com um destes cavalheiros da classe média. Falei-lhe das desgraçadas favelas insalubres e chamei-lhe a atenção para a repulsiva condição daquela parte da cidade em que moravam os trabalhadores fabris. Declarei nunca ter visto uma cidade tão mal construída em minha vida. Ele ouviu-me pacientemente e na esquina da rua onde nos separamos comentou: 'E ainda assim, ganham-se fortunas aqui."

Citado em: F. Engels, em sua obra *"A condição da classe trabalhadora na Inglaterra" (1845)*

O que é imperialismo? De que maneira o imperialismo influi na vida cotidiana? O imperialismo está presente no mundo atual?

Fonte: Melhem Adas. Geografia. Vol. 03. Editora Moderna pag. 46

Observe a gravura acima. Trata-se de uma estrada na República Democrática do Congo, (ex-Zaire), no continente africano.

O que mais chama a nossa atenção nela?

Provavelmente responderão que é o anúncio da Coca-Cola, uma das grandes multinacionais que invadem vários países no mundo inteiro, criando hábitos de consumo nem sempre indispensáveis. Porém outra realidade pode ser apresentada: nesse país, segundo dados da ONU, no período de 1995/2000, a expectativa de vida ao nascer era de apenas 49 anos e a mortalidade infantil de 90 por mil nascimentos.

Como e quando essa *invasão* teve início*?* É o que estudaremos nesse módulo.

No final do século XIX e começo do XX, a economia mundial viveu grandes mudanças. A Revolução Industrial havia se expandido para uma série de países. Além da Inglaterra, a Bélgica, a França, os Estados Unidos, a Alemanha e o Japão se industrializaram.

A tecnologia da Segunda Revolução Industrial aumentou ainda mais a produção, o que gerou uma grande necessidade de mercado consumidor para os produtos e uma nova corrida por matérias-primas. A livre concorrência foi desaparecendo. A economia passou a ser dominada por poderosas empresas, isto é, no lugar da livre concorrência, como era no início da Revolução Industrial, setores inteiros da economia passam a ser controlados por **monopólios.**

Monopólio é a situação de mercado em que apenas uma empresa produz determinada mercadoria ou presta um serviço. Por ser única, esta empresa estabelece o preço, a quantidade, a qualidade do produto e os salários dos trabalhadores.

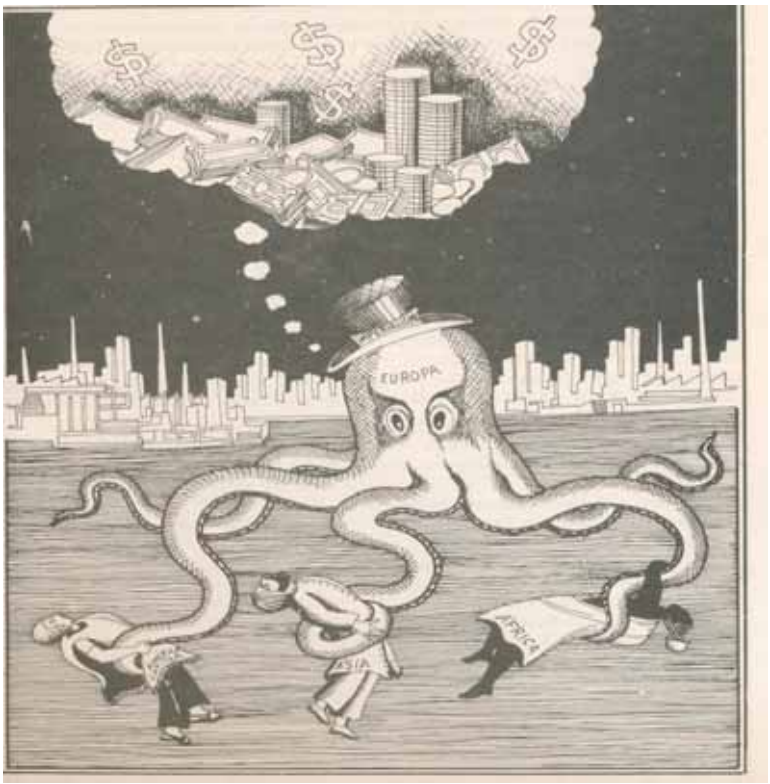
Essas grandes empresas capitalistas cresceram tanto e tão rapidamente que não conseguiram vender tudo o que produziam, gerando falências, desemprego e outros problemas econômicos.

Qual a solução para esta crise?

A resposta encontrada pelos empresários foi conseguir mercados onde vender seus produtos (**mercados consumidores**), **áreas fornecedoras de matérias-primas (carvão mineral, ferro, petróleo e determinados produtos tropicais**) e locais seguros para **investimento de seus capitais excedentes**.

Como alguns países europeus enfrentavam problemas de excesso de população, o que gerava desemprego e instabilidade social, o desvio de população para novas áreas seria a solução de problemas sociais internos, como também a formação de uma elite colonialista nesses locais, que garantiria o domínio imperialista. Entre 1835 e 1914 mais de 60 milhões de europeus migraram para outros territórios. Tudo isso levou as potências industriais a se lançarem em busca de novas colônias na Ásia, na África e na América Latina. A esta nova fase do capitalismo damos o nome de **imperialismo.**

Imperialismo pode ser definido como a política de expansão e domínio territorial e/ou econômico de uma nação sobre outras.



Fonte: História das Sociedades: das Sociedades Modernas às Sociedades Atuais. Aquino e outros, 2002.

Esta política expansionista resultou na repartição, quase completa, da África, na ocupação de vastos territórios da Ásia, ou sua subordinação à influência européia, e no controle dos países da América Latina.

A burguesia das nações industrializadas, na busca crescente de lucros, não só passou a financiar a exploração de minas, de monoculturas, da eletrificação de cidades, como também a construção de portos, pontes, canais e ferrovias, pensando no favorecimento do setor exportador das regiões sob sua influência. Deste modo, ao domínio econômico de caráter mais geral, trazido pelo imperialismo, acrescentou-se a dominação política, quase sempre estabelecida por meio da conquista militar.

As justificativas européias para o imperialismo

Ao longo da História, as nações expansionistas sempre desenvolveram uma série de idéias que disfarçavam os reais interesses da sua expansão. No século XIX falavam dela como sendo parte da sua *missão civilizadora.* Dominavam os povos da América Latina, África e Ásia para levar até eles a civilização branca e industrial, embora as populações submetidas não fossem consultadas sobre seus próprios interesses.

Além disso, para justificar a violência e as atrocidades que estavam sendo cometidas no processo de conquista e ocupação das colônias, as nações imperialistas introduziam critérios étnicos que estabeleciam distinções entre os dominadores (brancos) e os dominados (latino-americanos, asiáticos e africanos), estando, aí, implícita a idéia de superioridade da civilização branca.

> "As qualidades morais e físicas do europeu são superiores; a mesma força e as mesmas capacidades que o levaram a sair, a alguns séculos, da condição de selvagem nômade [...] para o seu atual estado de cultura e progresso [...] concedem-lhe o direito, quando em contato com o selvagem, de ser vitorioso na luta pela existência e de crescer às custas do seu sacrifício."
>
> (Alfred Wallace, naturalista britânico, em 1864.)

O imperialismo na Ásia

A Ásia foi a primeira a ser partilhada pelas potências do século XIX. Entre 1830 e 1880, quatro potências desenvolveram políticas colonialistas neste continente: Inglaterra, Rússia, Holanda e França. Contudo, a existência de civilizações mais complexas dificultou a conquista e dominação do território asiático.

1. A expansão inglesa

A Inglaterra, maior potência imperialista na Ásia, concentrou sua ação na Índia, utilizando-se de acordos de cooperação com líderes locais, para desenvolver uma exploração que acabou com a economia desse país. O artesanato de tecidos indianos, famoso por sua qualidade, foi destruído pela concorrência dos tecidos produzidos pelas fábricas inglesas, que eram muito mais baratos, levando à

ruína milhares de artesãos indianos. A Índia, obrigada a permitir a entrada dos produtos ingleses e pressionada a não desenvolver seus próprios recursos, ficou inteiramente dependente do capital inglês importando manufaturas e alimentos.

Os indianos tentaram se rebelar contra o domínio britânico. A Rebelião dos Cipaios, soldados indianos, (1857-1859) foi uma importante reação nacionalista frente ao domínio ocidental, mas os revoltosos foram sufocados pela violenta repressão inglesa que manteve o controle da região.

Para reforçar seu poder, os ingleses usavam como estratégia, nomear pessoas da elite indiana para alguns cargos da administração colonial, obtendo assim seu apoio.

Consolidada na Índia, a dominação inglesa estendeu-se a países vizinhos, como a Birmânia (atual, Mianmar) e a Malásia (grande produtora de borracha e minérios). Na Austrália e na Nova Zelândia os ingleses realizaram, a partir do século XIX, uma colonização que, em poucos anos, e em meio a grande violência, aniquilou os aborígines que ali existiam.

2. A partilha da China

Os comerciantes sempre tiveram dificuldades em negociar com a China, pois os chineses, que consideravam seu país autossuficiente, mostravam pouco interesse nas mercadorias estrangeiras, em troca de suas exportações de porcelana, seda e chá.

Para aumentar seu comércio com esse país, os ingleses começaram a lhes vender ópio, droga extremamente perigosa, que provoca dependência química em quem a consome, e proibida na Inglaterra. À medida que o vício se expandia entre os chineses, desencadeando doença e miséria, os lucros advindos de sua venda aumentavam. Preocupado, o governo chinês passou a proibir a entrada do ópio no país, queimando grande quantidade de caixas da droga, dando início à Guerra do Ópio (1840-1842). A China foi vencida pelos ingleses, o que garantiu a continuidade do comércio do ópio na China e o controle inglês sobre a cidade de Hong Kong (que somente em 1999 voltou a pertencer à China).

No final do século XIX, o país estava dominado pelas seguintes nações: Inglaterra, França, Alemanha, Itália, Rússia, Estados Unidos e Japão.

Gravura européia do século XIX, mostrando a divisão da China entre os imperialistas.

Fonte: WWW.neocolonialismo7.blogspot.com

3. **Outros territórios dominados**

Outros territórios asiáticos que também passaram ao controle direto de nações européias foram: Indochina (França), Indonésia (Holanda), Cingapura (Inglaterra), Filipinas (que do domínio da Espanha no século XVI, passou ao domínio americano a partir de 1898), a Sibéria (colonizada pela Rússia) e Timor Leste e Macau (Portugal).

A partilha da África

O continente africano desempenhou um papel muito importante no desenvolvimento do capitalismo na Europa e nos Estados Unidos.

Visitada pelos europeus a partir do século XV, na época das navegações portuguesas pelo Atlântico, a conquista dos territórios africanos teve como traço marcante, a violência. Fornecedora de mão-de-obra escrava durante séculos, somente a partir de 1870 é que a África passou a ser disputada por suas riquezas naturais, especialmente os minérios, como ouro e diamantes.

Um marco importante na partilha da África foi a Conferência de Berlim, (1884-1885) que reuniu 14 potências européias e os Estados Unidos, estabelecendo critérios para repartir pacificamente o "bolo" africano. Esta partilha ignorou a complexidade das dinâmicas internas do continente, suas organizações políticas, estratificações sociais e a rica variedade de suas culturas.

Essa partilha redesenhou o mapa da África que sempre se caracterizou por um quadro cultural extremamente pluriétnico. Devemos ter muito cuidado com essa idéia, pois ela traz uma falsa noção de que a causa dos atuais conflitos no continente está somente na diversidade cultural e nas rivalidades étnicas, o que nesse caso pode nos levar a pensar que os africanos são culpados por seus problemas.

A diversidade étnica no continente africano é secular e muito anterior à chegada do Europeu. Os antigos Estados tradicionais africanos (Reino do Congo, Império de Ghana e outros) se estruturavam de forma a criar mecanismo de solidariedade e de convivência, por intermédio de uma autoridade central que procurava buscar, pelo consenso, o respeito às diferentes manifestações culturais e religiosas. Dessa forma, mostravam a capacidade desse antigo modelo africano de garantir, pela mediação política, a convivência na diversidade.

O colonialismo europeu promoveu um processo de demarcação de fronteiras que acabou agregando e desagregando diferentes grupos étnicos, porém, agora, com a ausência de um poder central, que realmente buscasse o equilíbrio político. Muito pelo contrário, os europeus passaram a apostar na união de grupos rivais, o que gerou vários conflitos, muitos dos quais se prolongam até os dias atuais.

"Na África, a tradição prega que toda decisão importante deva ser obtida a partir do consenso, respeitando as identidades. Talvez por isso mesmo, algumas experiências como as da Tanzânia e da RSA (República da África do Sul) procurando ampliar a representação política e afirmar o acervo cultural autóctone, tenham alcançado um equilíbrio que contrasta com muitos outros países, cuja história tem se confundido com uma cronologia de golpes de Estado."

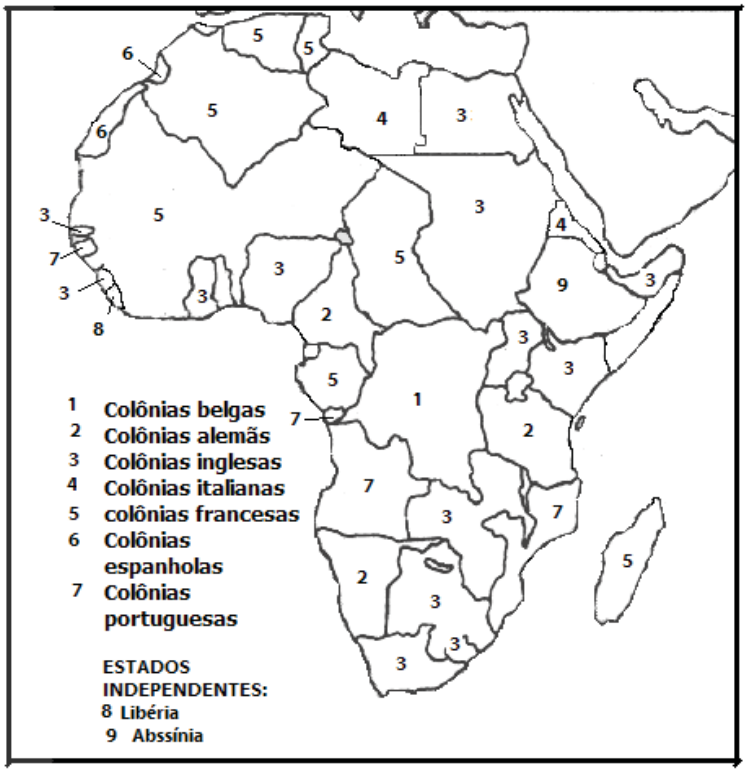
SERRANO & WALDAM "Memória D'África: a temática africana em sala de aula" pg. 125

Após a partilha colonial, imagens distorcidas da história africana passam a ser veiculadas: povos atrasados, bárbaros, inferiores, sem cultura, sem história, sem identidade, tribos primitivas em estado de guerra permanente. Tudo isto para justificar a invasão, a manutenção dos processos de colonização, a exploração econômica no continente, e também para facilitar a operação de sujeição.

A corrida imperialista na África teve início com a França e Inglaterra, mas logo outras nações imperialistas entraram na disputa de territórios no continente africano. A violência em que se deu a colonização provocou grandes distorções nas estruturas econômicas, sociais e culturais dos territórios dominados. A economia tradicional comunitária ou de subsistência foi totalmente desorganizada pela introdução de cultivos destinados a atender exclusivamente as necessidades das metrópoles. Intrigas entre etnias foram estimuladas e antigos reinos destruídos, vencidos pela superioridade militar dos colonizadores. Vários povos, antes autossuficientes em alimentos, passaram a depender de produtos importados das metrópoles.

Na fase final da partilha, ocorreram lutas entre os diversos países imperialistas, preocupados cada qual em assegurar para si as regiões mais ricas. Embora o expansionismo europeu se defrontasse com a resistência africana, o colonialismo foi facilitado pelos mecanismos de dominação impostos durante os séculos anteriores.

Em fins do século XIX, só ficavam dois Estados independentes na África: a **Libéria** (fundada em 1822 por negros norte-americanos emancipados) e a **Abissín**ia (Etiópia).



Adaptado a partir de ARRUDA, J. J. de A. História Contemporânea. São Paulo. ed. Ática. 1976. p. 247

O imperialismo na América Latina

Durante o século XIX o imperialismo inglês predominou na América Latina. Os países que mais receberam investimentos ingleses foram a Argentina e o Brasil e, em geral, eram aplicados no setor terciário da economia. Com isso os empresários ingleses tornaram-se donos de estradas de ferro, bancos, frigoríficos, companhias de gás, de bondes e de eletricidade em vários países latino-americanos. Isso sem falar nos lucros que obtinham por meio de empréstimos, a juros altíssimos, que os banqueiros ingleses faziam aos governos dos países da América Latina.

Os produtos manufaturados ingleses abarrotavam os mercados latino-americanos, sufocando as indústrias locais. Rivalidades entre as nações americanas eram atiçadas:

- **Guerra do Pacífico (**1879-1883) - envolveu o Peru e a Bolívia contra o Chile.
- **Guerra do Paraguai (**1864-1869) - Brasil, Uruguai e Argentina contra o Paraguai.

A partir de 1823, os Estados Unidos, que até então adotavam uma política de neutralidade em relação a assuntos internacionais, iniciam uma política externa mais agressiva. Lançando mão da Doutrina Monroe ("a América para os americanos") e assim, demonstrando ser a grande liderança do Novo Continente, dão seqüência ao processo expansionista, anexando terras mexicanas e comprando o Alasca da Rússia, ao mesmo tempo em que suas indústrias cresciam e se modernizavam rapidamente.

O avanço territorial dos EUA

Quando os EUA proclamaram a independência (1776), sua extensão territorial era muito menor do que é hoje, limitando-se às Treze Colônias, na costa do Oceano Atlântico.

Como os EUA conseguiram ampliar seu território nacional?

Durante a primeira metade do século XIX, uma das características da História estadunidense foi a ampliação das fronteiras, seja por meio de acordos amigáveis ou de guerras contra os indígenas e mexicanos. A "Marcha para o oeste" (far west, o "faroeste"), apoiada pelo poder americano e concretizada pelos pioneiros (aventureiros) que, em busca de enriquecimento rápido, não vacilavam em despojar de suas terras os povos nativos que ali habitavam, foi favorecida pela chegada de imigrantes europeus que se fixaram nas planícies centrais e rumaram para a costa do Oceano Pacifico.

As centenas de povos indígenas foram, ao longo dos anos, expulsos de suas terras e os poucos sobreviventes foram sendo obrigados a ir viver em reservas indígenas, com poucas terras férteis ou zonas para caça.

No final do século XIX, os monopólios norte-americanos começaram a avançar para a América Central e América do Sul, por meio de suas empresas, atuando em setores estratégicos da produção. Tais foram os casos do cobre chileno, do estanho na Bolívia, do petróleo na Venezuela, da fruticultura na América Central, do açúcar em Cuba e a construção do Canal do Panamá.

Durante a presidência de Theodore Roosevelt (1901-1909) os americanos adotaram a política do "**big stick"** (grande porrete), política externa que possibilitava aos EUA o "direito" de invadir e interferir politicamente em países vizinhos. Na verdade, seu objetivo era evitar que os países da

América Latina questionassem as decisões do governo norte-americano. O referido presidente aconselhava seus patriotas a *"falarem manso com um porrete na mão (...)".*

Leia abaixo um trecho do depoimento de um general americano que durante muitos anos esteve a serviço da política do "big stick".

> "(...)Foi assim que ajudei a transformar o México (...) em lugar seguro para os interesses petrolíferos americanos, em 1914. Ajudei a fazer de Cuba e Haiti lugares decentes para que os rapazes do National City Bank pudessem recolher seus lucros (...). Ajudei a purificar a Nicarágua para os interesses de uma casa bancária internacional dos irmãos Brown, em 1909/1912. Trouxe a luz à República Dominicana para os interesses açucareiros norte-americanos em 1916 (...). Ajudei a fazer com que a Standard Oil continuasse a agir sem ser molestada."
>
> Citado em: HUBERMAN, Leo. História da Riqueza do Homem.

A política americana prosseguiu com seu objetivo de dominar cada vez mais as nações do mundo, explorando os países fornecedores de matéria-prima e mão-de-obra barata para trabalhar para as multinacionais americanas. No decorrer dos anos, o imperialismo norte-americano tornou-se mais contundente. Na administração de George W. Bush (2000 / 2008) ficam claras as posições unilaterais, sem levar em conta os interesses de outros países e seus povos.

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

1. Escreva um texto sobre a influência da cultura norte-americana no Brasil.

2. Utilizando o livro "**Para entender o negro no Brasil de hoje"**, escolha uma das civilizações apresentadas no capítulo 2 (África: berço de diversas civilizações) e faça uma leitura. Em seguida, escreva em seu caderno aspectos que caracterizam a civilização que escolheu (a localização geográfica, o período de existência, o modo de vida de seus habitantes, as tradições culturais e desenvolvimento tecnológico).

3. Em sua opinião, de que forma a vinculação de imagens e informações depreciativas das culturas dos povos dominados contribuiriam para a ação imperialista de europeus e americanos?

4. No atual contexto globalizado, apresente práticas e situações imperialistas que se perpetuam até os dias de hoje.

O que é uma revolução? O que quer dizer *ser de esquerda* ou *ser de direita*?
O que foram as revoluções liberais e as socialistas?

Fonte: http://revistarevolucao.files.wordpress.com/2007/09/gageiro.jpg. Acessado em 24/11/2008

O que seria uma revolução? Como reconhecê-la?

Dizemos que há uma revolução quando ocorre um movimento dentro de um país ou lugar e quando esse movimento provoca mudanças profundas na sociedade, na política, na economia e na cultura desse povo ou país.

As revoluções são movimentos de ruptura. Quem revoluciona quer mudanças. Como “em time que está ganhando não se mexe”, as revoluções ocorrem na medida em que neste ou naquele lugar determinados grupos estão insatisfeitos com sua situação e querem mudá-la.

As revoluções políticas na história humana, portanto, são momentos em que um ou mais setores da sociedade, ou seja, grupos de homens e mulheres intervêm na história para fazer valer seus interesses coletivos pois já não crêem que as reformas ou mudanças por eles desejadas sejam alcançadas por meios de reivindicações ou negociações feitas com frações da classe dominante que se encontram no poder.

A Revolução Francesa

A Bastilha, óleo de Hubert Robert. A tomada da Bastilha, em 14 de julho de 1789, foi o ato revolucionário que se tornou símbolo histórico do fim da monarquia francesa. (Museu Carnavalet, Paris.)
Fonte: www.br.geocities.com.Acessado em 24/11/2008

A ilustração acima representa um dos marcos da história humana na luta pela liberdade em todos os sentidos. A **queda da Bastilha**, como é conhecida, foi a libertação de presos políticos confinados ali por criticarem a monarquia absoluta no início da Revolução Francesa.

Talvez um dos momentos históricos que mais ilustrem este anseio por mudanças seja o que ocorreu na França, entre 1789 e 1799. Aquela sociedade, marcada pela desigualdade de direitos, era governada por uma minoria distante da realidade da maioria da população, mantendo em suas mãos o controle político sobre toda a vida do país, sendo sustentada por privilégios, entendidos aqui como gordas pensões pagas pelo próprio Estado, decidindo sozinha sobre os destinos de uma nação. Ela era formada por membros vindos da antiga nobreza feudal, e do clero, representando aproximadamente 4% da população francesa.

Contraditoriamente, os 96% que restavam bancavam esta estrutura de poder com o pagamento de pesados impostos. Com as crises que atingiram o país no final do século XVIII, esta carga de tributos foi aumentada de maneira insensível pelo governo de um rei chamado Luís XVI, o supremo representante daquela minoria.

Foi aí que a opressão atingiu limites insuportáveis para os que estavam fora do poder, levando-os a uma união.

Mas quem seriam estes que formavam a grande maioria da sociedade francesa?

Bem, a grande maioria (cerca de 80%) era de origem camponesa, vivendo diversos tipos de situação, desde o camponês trabalhador braçal pobre até os pequenos e médios proprietários de terras que viviam, portanto, no meio rural. Em seguida, vinham os proletários (trabalhadores assalariados) que viviam nas cidades, que representavam cerca de 10% da população, e, por fim, a burguesia (comerciantes, negociantes, banqueiros, industriais), representando cerca de 4% da sociedade francesa. Como podemos ver, tratava-se de um grupo social bastante amplo, com interesses diferentes, que passou a reivindicar, dentre outras coisas, mudanças ou reformas no país. Este bloco era chamado de Terceiro Estado, pois o clero correspondia ao Primeiro Estado, a nobreza ao Segundo Estado. Estes dois últimos formavam uma minoria que governava com o rei, recebendo privilégios.

O Terceiro Estado que estava fora do poder e tinha a burguesia como uma espécie de liderança derrubou o rei e deu início a uma onda revolucionária que varreu o continente europeu, sob o conhecido lema: Liberdade, Igualdade e Fraternidade. No decorrer do processo revolucionário, enquanto as mudanças ocorriam, o próprio bloco revolucionário se transformava, o que acabou, por fim, dividindo-o em frações políticas, que iam desde aqueles que queriam levar as reformas mais adiante, de acordo com os seus anseios, até aqueles que, já satisfeitos, tentavam dar um ponto final à revolução. Surge neste momento, inclusive, a idéia de esquerda, direita e centro.

Direita e Esquerda

A Assembléia Legislativa se dividia em várias facções: os que se sentavam à direita do salão de reuniões e que defendiam a Monarquia Constitucional (chamados de moderados ou girondinos); os que se sentavam à esquerda do salão de reuniões, estes eram os deputados mais radicais, que queriam a República e o direito do voto para todos (chamados de montanha ou jacobinos); os que se sentavam no centro, entre os dois blocos, uma maioria de deputados, que não tinham posições definidas, e eram chamados de Planície ou Centristas. Foi a partir daí que surgiram as denominações partidárias: de direita, de esquerda e de centro.

Fonte: Adaptado: de KEN, Hills. “A Revolução Francesa”, In: Coleção: Guerras que mudaram o mundo.

Nem tudo que os diversos segmentos sociais formadores do terceiro estado desejavam foi alcançado. Porém, a burguesia conseguiu realizar a maior parte dos seus desejos, sendo a mais beneficiada pela revolução. Os camponeses conseguiram se libertar dos traços feudais que ainda existiam naquela sociedade, e uma parte deles realizou o sonho de ter a sua terra. Já os proletários talvez tenham sido os que menos obtiveram conquistas, embora se possa dizer que aquela estrutura de poder opressora e autoritária tenha ficado para trás na história.

De agora em diante os diversos segmentos sociais estariam mais atentos em relação ao seu destino e ao destino da sociedade em que viviam, buscando meios para demonstrar aquilo que queriam e pensavam. Nascia, assim, a democracia liberal, identificada com os ideais republicanos e com a política representativa parlamentar.

Nos séculos seguintes, o desejo de novas mudanças aprofundaria a busca por novos sentidos para o termo *revolução*, indo além da luta pela liberdade política e econômica. Assim, em diversos momentos da história e em várias partes do planeta, ocorre a ampliação da luta por igualdade e pela fraternidade.

As Revoluções Socialistas

As revoluções socialistas geralmente ocorreram nos lugares onde os regimes políticos eram opressores, onde se sofria privações ou exploração, onde a situação de vida era muito complicada e os problemas a serem resolvidos, de difícil solução. Essas revoluções surgiram em meio à luta pela liberdade ou libertação de um povo e pela conquista de diretos sociais fundamentais.

Em cada lugar e em cada momento, os movimentos revolucionários tiveram causas específicas, mas podemos dizer que, de alguma forma, mantiveram essas características básicas.

Na história da humanidade, algumas revoluções socialistas ganharam uma importância muito grande e influenciaram a vida de outros lugares ou países em épocas distantes e ainda hoje e, por isso, merecem ser estudas por nós.

A Revolução Russa

Fonte: HTTP://sibrubilac.blog.uol.com. Acessado em 11/12/2008

Durante os dias que se seguiram ao terrível *9 de janeiro de 1905*, data do *Domingo Sangrento,* uma série de agitações populares contra o governo absolutista do Czar Nicolau II acabou se intensificando no meio urbano, juntos aos operários e soldados, e no meio rural, junto aos camponeses, dando a uma forma de organização política original, que eram os *conselhos,* em russo, “soviets”, constituídos por representantes (deputados) dos operários, soldados e camponeses.

Os “soviets” espalharam-se pela Rússia, tendo um caráter predominantemente local, ativando a participação popular na luta contra o governo e sendo fundamentais para a articulação política daqueles movimentos populares entre os níveis local e regional. Era uma forma de organização política, democrática, aberta aos partidos de esquerda que se reuniam em congressos trimestrais, e onde os representantes eleitos poderiam ser substituídos a qualquer momento. Na Revolução de Outubro de 1917, os bolcheviques, entusiastas do movimento dos conselhos, adotaram o lema: “todo poder aos “soviets” ”. A expressão acabou mais tarde dando nome à primeira pátria socialista da história.

No começo do século XX a Rússia era um país de economia atrasada e dependente da agricultura, pois 80% de sua economia estava concentrada no campo. Os trabalhadores rurais viviam em extrema miséria e pobreza, pagando altos impostos para manter a base do sistema czarista de Nicolau II. O czar governava a Rússia de forma absolutista, ou seja, concentrava poderes em suas mãos não abrindo espaço para a democracia. Mesmo os trabalhadores urbanos, que desfrutavam os poucos empregos da fraca indústria russa, viviam descontentes com os governo do czar.

No ano de 1905, Nicolau II mostra a cara violenta e repressiva de seu governo. No conhecido Domingo Sangrento, manda seu exército fuzilar milhares de manifestantes. Marinheiros do encouraçado Potenkim também foram reprimidos pelo czar. Começava então a formação dos sovietes (organização de trabalhadores russos) sob a liderança de Lênin. Os bolcheviques começavam a preparar a revolução socialista na Rússia e a queda da monarquia.

Faltavam alimentos na Rússia czarista, empregos para os trabalhadores, salários dignos e democracia. Mesmo assim, Nicolau II jogou a Rússia numa guerra mundial. Os gastos com a guerra e os prejuízos fizeram aumentar ainda mais a insatisfação popular com o czar. As greves de trabalhadores urbanos e rurais espalham-se pelo território russo. Ocorriam muitas vezes motins dentro do próprio exército russo. As manifestações populares pediam democracia, mais empregos, melhores salários e o fim da monarquia czarista. Em 1917, o governo de Nicolau II foi retirado do poder e assumiria Kerenski (líder menchevique) como governo provisório.

Com Kerenski no poder pouca coisa havia mudado na Rússia. Os bolcheviques, liderados por Lênin, organizaram uma nova revolução que ocorreu em outubro de 1917. Prometendo paz, terra, pão, liberdade e trabalho, Lênin assumiu o governo da Rússia e implantou o socialismo. As terras foram redistribuídas para os trabalhadores do campo, os bancos foram nacionalizados e as fábricas passaram para as mãos dos trabalhadores. Lênin também retirou seu país da Primeira Guerra Mundial no ano de 1918. Foi instalado o novo governo tendo a frente o PC (Partido Comunista), que reunia os membros do antigo partido bolchevique como também socialistas revolucionários de esquerda, corrente política mais ligada ao campesinato russo.

Fonte: www. suapesquisa.com. br (adaptado). Acessado em 24/11/2008

Após a revolução, foi implantada em 1922 a URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas). Seguiu-se um período de grande crescimento econômico, principalmente após a NEP (Nova Política Econômica), momento em que o governo revolucionário decidiu adotar medidas para tirar a economia do país da crise e da estagnação econômica, sendo algumas destas, características do capitalismo. O motivo para tal iniciativa era a necessidade de criar estímulos com o objetivo de recuperar a produtividade da economia, para, em seguida, dar um salto para o socialismo.

Com a morte de Lênin, os debates em torno de sua sucessão foram travados entre aqueles que defendiam o prolongamento da NEP e a sua extinção. Um lado apontava a necessidade de avançar com ela, inclusive como forma de mobilizar e conciliar diferentes interesses, como os dos operários e os dos camponeses. Outros, porém, viam na NEP um risco de perda dos rumos do socialismo, reforçando a idéia de que a revolução deveria avançar em direção aos interesses da industrialização e do fortalecimento dos operários.

Com a ascensão de Stálin, a segunda opinião acabou ganhando força, ao mesmo tempo em que os camponeses começaram a perder espaço na política, tendo sido na década de 1930 esmagados por iniciativas como a coletivização das terras e da produção agrícola. Tal fato levou à morte de muitos camponeses que resistiram àquele projeto de socialismo fazendo da *estatização* da economia não um meio para se chegar ao socialismo, mas um fim.

E tudo isso aconteceu mediante a adoção de medidas autoritárias (apontadas como necessárias para a construção do socialismo), que seriam colocadas em prática. No final, a censura e a perseguição política aos que discordavam dos rumos do país, sob o pretexto de que eram inimigos ou traidores da revolução, passaram a ser uma constante. A falta de liberdade de expressão acabou destruindo o sentido popular, democrático e revolucionário do movimento de Outubro de 1917.

A prioridade dada à industrialização levou a URSS a se tornar uma grande potência econômica e militar. Mais tarde, ela rivalizaria com os Estados Unidos, na chamada Guerra Fria, e esse conflito, que se caracterizou pela corrida tecnológica, espacial e armamentista, acabou se tornando uma armadilha para o sistema soviético. Grande parte do orçamento do país acabou sendo destinada aos investimentos bélicos, ou na ajuda aos aliados socialistas, prejudicando, até mesmo, a produção de bens de consumo.

Por outro lado, o autoritarismo do Estado soviético afastou a sociedade das decisões e dos rumos da política no país, o que serviu para fortalecer, apenas, o segmento social composto pelos funcionários do Estado, processo denominado pelos críticos da URSS de *burocracia*.

Assim, a estagnação passou também a rimar com burocratização e o socialismo que deveria desembocar no comunismo (uma sociedade sem classes sociais e sem Estado) acabou virando uma ditadura burocrática, particularmente porque os dirigentes substituíram o povo na condução e manutenção do sistema.

Revolução Cubana

Cuba conseguiu se libertar da Espanha em 1898, com um exército comandado por José Martí, composto, em sua maioria, por ex-escravos que, apesar de portarem facões, venceram soldados armados de fuzis e baionetas. Apesar de politicamente independente, o país passou a ser quase totalmente dominado pelos norte-americanos. Estes compravam a maior parte do açúcar cubano, o principal produto de exportação da ilha, e se aproveitavam disso para impor sua tutela. Essa dominação foi oficializada em 1901, pela imposição da Emenda Platt, por meio da qual os norte-americanos se reservavam o direito de instalar bases militares no país e de intervir militarmente toda vez que considerassem seus interesses ameaçados.

Quase toda a riqueza de Cuba estava nas mãos de poucas famílias nativas e de empresas norte-americanas instaladas no país. Enquanto isso, milhões de cubanos alimentavam-se mal, moravam em barracos e viviam de empregos temporários. Os camponeses, por exemplo, tinham trabalho garantido apenas entre dezembro e maio e a imensa maioria não sabia ler.

Foi nesse cenário marcado por intensa desigualdade social que um grupo de revolucionários, liderado pelo jovem advogado cubano Fidel Castro, iniciou uma luta sem tréguas contra o ditador Fulgêncio Batista (1934-1958). Depois de uma tentativa fracassada de chegar ao poder, os revolucionários embrenharam-se na Sierra Maestra e, apoiados pelos camponeses, partiram para a guerra de guerrilhas.

Ernesto Che Guevara e Fidel Castro
Fonte: http://ocaminhocubano.blogspot.com.Acessado em 24/11/2008

Em janeiro de 1959, quase dois anos depois de iniciada a guerrilha, Fidel e seus companheiros, entre os quais estava o médico argentino Ernesto “Che” Guevara, conseguiram conquistar o poder, obrigando Batista a fugir do país.

As principais medidas do novo governo foram;

- a reforma agrária com distribuição de terras a 200 mil famílias;
- redução em 50% nos aluguéis, de 25% nos livros escolares e 30% das tarifas de eletricidade;
- nacionalização de usinas, indústrias e refinarias.

Os norte-americanos consideraram-se prejudicados por esta última medida e, como represália, deixaram de comprar o açúcar cubano. O governo de Fidel firmou, então, acordos comerciais com os países do bloco comunista, passando a vender o açúcar para eles. Os EUA reagiram rompendo relações diplomáticas com Cuba em janeiro de 1961. Três meses depois, 1.500 homens, treinados pela Agência Central de Inteligência (CIA) norte-americana, invadiram a baía dos Porcos, no litoral sul de Cuba, com o apoio aéreo dos Estados Unidos. A invasão da baía dos Porcos fracassou e centenas de norte-americanos foram presos.

Em 1962, ocorreu a “Crise dos Mísseis”, quando o então presidente norte-americano John Kennedy bloqueou a ilha por mar, ameaçando invadi-la sob a alegação de que os soviéticos tinham ali instalado mísseis nucleares. O conflito foi resolvido por meio de um acordo entre os EUA e a URSS que determinava a retirada dos mísseis soviéticos, em troca do compromisso de os norte-americanos não invadirem a ilha.

Neste mesmo ano, Cuba foi expulsa da OEA (Organização dos Estados Americanos) sob a alegação de que estava exportando os ideais socialistas para todo o continente. Com isso, os EUA visavam a isolar o governo de Fidel Castro. Entretanto, nas décadas seguintes, os países latino-americanos foram reatando pouco a pouco suas relações com Cuba.

Diante do fato consumado (a Revolução Socialista em Cuba era uma realidade) os EUA impõem um feroz bloqueio econômico à ilha, que dura até os dias de hoje, e busca enfraquecer a economia e a revolução cubana. Mas que tem, na verdade, prejudicado a vida da população de um país pobre em busca da soberania, diante do imperialismo dos EUA.

Revolução Chinesa

A História da China remonta ao séc.XVI a.C, portanto, tem mais de 4000 anos. Não é a nossa intenção aqui neste módulo fazer uma História da China, apenas queremos situar a Revolução Socialista na China, fato bem mais recente. De um modo bem simples, podemos falar que a China viveu períodos alternados em que ora estava unificada e ora estava fragmentada (dividida). A presença e dominação estrangeira também foram marcantes na história do país.

No período que vai de meados do séc.XIX a início do séc.XX, a China cai sob o controle das nações imperialistas, principalmente ingleses. O caso inglês é interessante, pois para manter o comércio do ópio (droga), proibido pelo governo local, empreenderam duas guerras ferozes: as Guerras do Ópio, aproveitando-se da vitória para conquistar mais e mais vantagens. Em conseqüência dessas guerras, Hong Kong foi cedida aos britânicos em 1841 no Tratado de Pequim.

O governo imperial chinês da dinastia Manchu parecia não ter respostas nem força para se defrontar com os interesses imperialistas. Essas mesmas nações imperialistas, numa reação ao Levante dos Boxers (sociedade secreta chinesa que se opunha ao domínio estrangeiro e que havia organizado uma grande luta contra esse domínio), unem-se na chamada Aliança dos Oito Estados e invadem a China. Composta de tropas britânicas, japonesas, russas, italianas, alemãs, francesas, norte-americanas e austro-húngaras, a aliança derrotou os boxers e exigiu mais concessões do governo Qing. A derrota dos boxers não fez a luta do povo chinês recuar: uma importante semente havia brotado nos corações e mentes dos chineses, a semente da revolução.

As lutas populares do início do século XX fizeram cair o governo imperial chinês e foi proclamada a república. Mas a recém-criada república chinesa não conseguiu se impor nem aos estrangeiros, nem internamente. A China continuava dominada por um pequeno número de latifundiários e pelos chamados senhores da guerra, que concentravam mais de 88% das terras do país e mantinham sob seu domínio uma maioria de camponeses empobrecidos e submetidos.

No contexto dessa luta, surgem dois partidos: o Kuomitang - Partido Nacional do Povo e o Partido Comunista Chinês. Num primeiro momento os dois partidos caminharam juntos na luta mas, no seu propósito de se impor a toda a China e controlá-la, o líder do Kuomitang, Chiang Kai-shec, volta-se contra os Comunistas , o que provocou uma guerra interna entre os dois grupos que lutavam unidos pela libertação da China das mãos das nações imperialistas. Neste momento (década de 1930 e 1940), especialmente contra o Japão, que havia invadido a região da Manchúria.

Um dos episódios marcantes dessa guerra foi a Longa Marcha, uma caminhada de 10 mil quilômetros que o principal líder comunista, Mao Tse-tung, empreendeu com mais de 100 mil pessoas em direção ao noroeste do país com o objetivo de escapar ao cerco inimigo.
Durante a caminhada, muitas pessoas morreram, outras ficaram pelo caminho organizando os camponeses, que haviam se transformado na principal base de apoio dos comunistas. Apenas 9 mil chegaram ao destino final, a província de Shensi, onde se ergueu o quartel-general das tropas maoístas.

Terminada a Segunda Guerra Mundial e expulsos os japoneses da Manchúria, já na época da Guerra Fria, as tropas do Kuomitang (Partido Nacional do Povo), com apoio militar dos Estados Unidos, armam uma ofensiva maciça contra os comunistas do PC Chinês com o objetivo de destruí-los. Mas as forças populares lideradas por Mao Tse-tung, fortalecidas pelo apoio dos camponeses, conseguido principalmente durante a chamada Grande Marcha, obtêm a vitória. Em outubro de 1949 é criada a República Popular da China, as tropas do Kuomitang, consideradas traidoras dos ideais chineses, refugiam-se na Ilha de Formosa (Taiwan), onde criam a China Nacionalista.

Com 66 milhões de membros e o título de maior partido político do mundo, o Partido Comunista Chinês (PCC) governa a China desde 1949, sem tolerar oposição e geralmente reagindo de maneira polêmica em relação a dissidentes. O partido exerce influência sobre vários aspectos da vida dos cidadãos chineses, do que aprendem na escola ao que assistem na televisão, seus empregos, suas casas e até o número de filhos que podem ter.

A China apresenta hoje os mais respeitáveis índices de desenvolvimento tecnológico, educacional, industrial e comercial. País de dimensões continentais e uma população superior a 1.300.000.000 de habitantes, com cultura milenar, constitui um mercado potencial para gerar grandes negócios, para onde hoje estão se voltando os interesses de grandes investidores do mercado mundial.

A sociedade chinesa tem passado por profundas transformações nos últimos anos. Cada vez mais pessoas estão se mudando para os centros urbanos, deixando para trás seus costumes e seu estilo de vida.

Desde que o regime comunista decidiu pela abertura da China para investimentos estrangeiros, em 1978, o país tornou-se uma das economias que mais crescem no mundo, além de estar entre as dez maiores. Nos últimos anos, a China também se tornou um gigante do comércio, conquistando o quinto lugar em exportações.

Revolução Angolana

Durante a 2ª metade do século XX, as lutas de independência dos países africanos e asiáticos também tiveram características de movimentos revolucionários.

Tais movimentos se organizaram sob a bandeira da libertação nacional contra o racismo, contra o colonialismo e contra o imperialismo europeu, aproveitando-se do enfraquecimento político e

econômico dos principais países europeus envolvidos no conflito mundial. Podemos dizer também que foram marcados pelo clima da Guerra Fria e, em alguns casos, pelas resoluções da *Conferência de Bandung*, organizada em 1955, na Indonésia, que fundou o grupo dos países não alinhados, ou, como se intitulavam, *o terceiro mundo*.

Embora assumissem tal posição ideológica identificada com o programa socialista, estes movimentos rejeitaram as imposições da Guerra Fria, que teoricamente os obrigaria a alinhar-se à URSS. Muitos deles buscaram, sobretudo, uma autonomia baseada na autodeterminação dos povos, reafirmando a busca pela liberdade e pela democracia, contra as negativas influências dos interesses estrangeiros sobre seu território, naquele contexto já completamente explorado e devastado material e culturalmente. Por isso, podemos dizer que elas também se encaixam no conjunto das lutas revolucionárias socialistas. Alguns exemplos mais conhecidos são os movimentos de independência de **Angola** e Moçambique.

Os processos de independência destas duas ex-colônias portuguesas na África começam a se organizar na década de 1960, ou seja, no auge da *Guerra Fria*. Contam, no entanto, com uma característica peculiar que é o fato de o governo português, marcado pela ditadura salazarista, impor-se sobre as províncias de além-mar, como eram chamadas as colônias lusas, pela violência e pelo autoritarismo.

Neste contexto, surgiu, em 1961, em Angola a UPA (União dos Povos Angolanos), comportando em suas fileiras diferentes correntes políticas nacionalistas já existentes, que se unem no início desta década para intensificar a luta armada contra a presença do colonizador português no país. Mais tarde, cada uma delas acabaria por seguir caminhos independentes:

- A FNLA (Frente Nacional pela Libertação de Angola), fundada pelo dirigente nacionalista angolano Holden Roberto, em 1954, no norte de Angola, apoiada pela ditadura do ex-Zaire (atual República Democrática do Congo) e pelos EUA, tendo um caráter anticomunista;

- O MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), fundado pelo médico, professor e poeta Agostinho Neto, que desde 1956 já havia iniciando um processo guerrilheiro contra o colonialismo salazarista, tendo orientação comunista, por isso veio a contar mais tarde com a simpatia e o apoio da URSS e de Cuba. Internamente, tinha o apoio das mais importantes e populosas regiões no centro de Angola;

Agostinho Neto entrando vitorioso em Luanda

Fonte: http://pissarro.home.sapo.pt/chegagost.jpg. Acessado em 08/12/2008

- A UNITA, fundada em 1966 pelo cientista político Jonas Savimbi. Apoiava-se internamente na maioria étnica dos *Umbundus.* Externamente na África do Sul, país vizinho, preocupado com o avanço do MPLA na conquista do governo angolano independente, já que o governo sul-africano tinha interesse em ocupar a Namíbia, pequeno território independente, fronteiriço, entre os dois países, rico em reservas de urânio, matéria-prima fundamental para a fabricação de combustível nuclear. A UNITA organizou-se, portanto, ao sul de Angola, tendo recebido o apoio também dos EUA, após o enfraquecimento da FNLA.

A morte de Salazar, em 1969, foi o início de um processo de enfraquecimento da ditadura em Portugal. O golpe de misericórdia foi a *Revolução dos Cravos,* em 1974, quando o novo governo luso assinou um acordo com as três facções (o *Tratado de Alvor)*, inaugurando um período de transição democrático, iniciando, porém, ao mesmo tempo, uma guerra civil na disputa pelo poder.

Em 1975, Angola tornou-se independente, passando a ser governada pelo MPLA, o primeiro entre os três grupos a dominar a capital Luanda e a formar um novo governo para o país recém-independente.

MPLA vence com folga eleição legislativa em Angola

10 / 09 / 2008 Luanda - Partido no governo fica com 81.76% dos votos, enquanto que a Unita com 10.36%.

O partido Movimento Popular Pela Libertação de Angola (MPLA), atualmente no governo, garantiu uma vitória folgada nas eleições parlamentares, abrindo o caminho para mudanças que, segundo alguns, poderiam fortalecer ainda mais a Presidência.

O MPLA, que controla Angola desde sua independência de Portugal, em 1975, e que adotou políticas liberais depois de abandonar o marxismo no começo da década de 1990, esmagou a oposição.

Dados colhidos ontem (9), às 22h40, apontam o MPLA com 4.520.453 votos, correspondendo a 81.76 % e a Unita com 572.523 votos, que correspondem a 10.36 %. A legenda governista ficou com quase 82% dos votos, segundo uma contagem inicial cujo resultado foi divulgado hoje (10), e derrotou com folga os oposicionistas em todas as 18 províncias do país.

Esse resultado significa que o MPLA conquistaria ao menos 170 das 220 cadeiras do Parlamento – ou quase 80% do total. O presidente angolano, José Eduardo dos Santos, e outras autoridades do MPLA fizeram campanha com o objetivo de conquistar os dois terços de cadeiras necessários para alterar a Constituição do país. No entanto, o MPLA poderia fortalecer-se por meio do colapso virtual do maior grupo da oposição, a Unita, que conquistou apenas 10% dos votos. O ex-grupo rebelde ficou com 34% dos votos na eleição anterior, realizada em 1992.

Fonte: http://africa21.achanoticias.com.br/noticia. Acessado em 08/12/2008

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

1. A partir do conceito de *revolução* trabalhado no módulo, elabore em grupo num “pardão” um conjunto de palavras com sentidos ou significados que possam se encaixar como sinônimos da palavra revolução.

2. Destaque os elementos motivadores das revoluções socialistas presentes no texto Revoluções Socialistas e complete o quadro abaixo:

REVOLUÇÕES SOCIALISTAS	LUTA DE LIBERTAÇÃO POPULAR	LUTA CONTRA O IMPERIALISMO	LUTA POR LIBERDADES E DIREITOS
Revolução Cubana			
Revolução Russa			
Revolução Chinesa			
Revoluções Africanas			

Por que a humanidade chegou ao extremo da violência?
O que causou tamanhos conflitos?
A violência trouxe soluções? Para onde caminha a paz mundial?

Rosa de Hiroshima

Vinícius de Morais

Pense nas crianças mudas telepáticas
Pense nas meninas cegas inexatas
Pense nas mulheres, rotas alteradas.
Pense nas feridas como rosas cálidas
Mas Só não se esqueça da rosa, da rosa.
Da rosa de Hiroshima, a rosa hereditária.
A rosa radioativa, estúpida inválida.
A rosa com cirrose a anti-rosa atômica
Sem cor, sem perfume, sem rosa, sem nada.
Mas Só não se esqueça da rosa, da rosa.
Da rosa de Hiroshima, a rosa hereditária.

A rosa mencionada na poesia não é bem aquela que queremos ver nas primaveras floridas. Ela refere-se ao desfecho de um fato que mudaria os rumos da história de tantos países e marcaria de tristeza e dor, tantas primaveras, tantas vidas...

Estamos falando da **Segunda Guerra Mundial**, quando ocorreu o mais violento conflito até nossos dias, com um número gigantesco de mortes, trazendo à tona perguntas como: de que maneira foi possível a humanidade se destruir de forma tão cruel? Por que o ser humano aniquila seu semelhante sem entender muito bem as razões para tais acontecimentos?

Na verdade, não é possível entender o que levou tantos países a se envolverem neste segundo conflito, se não entendermos o significado da Primeira Grande Guerra e por que esta deixou um “rastro de pólvora”, que seria aceso alguns anos depois.

A Primeira Guerra Mundial (1914-1918)

Sem dúvida, a principal razão para o começo da Primeira Guerra foi a rivalidade entre as nações imperialistas. No início do século XX, vários interesses econômicos estavam em jogo como a dominação de áreas e mercados e a busca por lucros dos grandes monopólios que tinham sido formados.

Estes interesses não pertenciam à maior parte dos homens que participaram efetivamente dos combates. Pertenciam às elites dirigentes que precisavam convencer aos seus comandados a abraçar tal causa. Usando idéias de um patriotismo e racismo exagerados, homens transformaram-se em soldados violentos, dispostos a matar ou morrer nos campos de batalha.

Até então, ainda existia um clima de paz aparente entre os países. Graças, muitas vezes, a acordos cujo objetivo era manter os interesses imperialistas. Além dos interesses econômicos já mencionados, também temos como causas para este conflito o crescimento de movimentos nacionalistas.

Os países europeus começavam a conviver nesse estado de paz de maneira artificial: cada vez mais desenvolviam a produção maciça de armas, precavendo-se contra uma possível guerra. Formaram-se dois grupos diferentes: A Tríplice Aliança (Alemanha, Império Austro-Húngaro e Itália) e Tríplice Entente (Inglaterra, França e Rússia).

Faltava apenas a “gota d’água”. De repente não faltou mais: o arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do trono austríaco foi assassinado em Sarajevo, na Sérvia. Na verdade, o crime foi cometido por nacionalistas sérvios, mas foi o suficiente para romper qualquer sopro de paz e as alianças entre os países fizeram com que estes fossem declarando guerra uns contra os outros.

Na fase final do conflito (1917-1918), os Estados Unidos entraram na Entente e a Rússia saiu (por motivos que estudaremos depois). Os EUA, que nada sofreriam em seu território, deram apoio bélico precioso para a Inglaterra e a França, tornando-se fundamental para a vitória da Tríplice Entente. Quando falamos de guerra, entretanto, dificilmente falaremos de verdadeiras vitórias: a Europa ficou arrasada e dependente de exportações e empréstimos norte-americanos. Os EUA tornaram-se o país mais rico e poderoso do mundo.

O que fez esse final de guerra deixar o “rastro de pólvora” para o segundo conflito foi a maneira como se tentou estabelecer os acordos de paz: um tratado assinado em Versalhes (França), em 1919, pelos países vencedores e os vencidos, impunha diversas punições à Alemanha, como o pagamento de uma indenização aos países vitoriosos, restrições econômicas e a redução de seu poder militar.

Podemos dizer também que este conflito mudou a geografia da Europa: surgiram novos países. O Império austro-húngaro se fragmentou e os países se tornaram independentes e criaram seus estados-nacionais, como a Hungria, a Tchecoslováquia, a Polônia. Surgiu um país chamado Iugoslávia, a partir da dominação sérvia sobre antigas áreas, antes dominadas pela Áustria. O Iraque e a Palestina ficaram controlados pelos ingleses. A França dominou a Síria. Como podemos perceber, a geografia mudara, mas as ambições imperialistas, não. A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas também passaram a fazer parte desse novo mapa, mas iremos estudar isto mais adiante.

A Crise de 1929

Já vimos que depois da 1ª Guerra, os EUA tornaram-se uma grande potência. Isso, logicamente, mexeu bastante com a economia deste país, um exemplo para isso é a Bolsa de Valores de Nova Iorque que viu suas cotações subirem efetivamente. Tudo isso fez com que investidores passassem a investir tudo o que tinham em ações da Bolsa. Os EUA exportavam bastante para uma Europa abalada pela guerra, o que assegurava um clima de prosperidade.

A partir do final da década de 20, os países europeus voltaram a produzir e com isso, diminuíram suas importações. Os EUA começaram então, a experimentar as primeiras dificuldades que se acentuariam atingindo setores econômicos urbanos e rurais com crise de superprodução. As cotações da Bolsa entraram em baixa, as ações não conseguiam compradores. A Bolsa de Nova Iorque entrava em crise em 1929. Fábricas e bancos faliram, a economia entrou em colapso. Muitos trabalhadores perderam seus empregos. Mas a crise não ficou só nos EUA. Esta crise afetou a economia de vários outros países, que eram economicamente dependentes dos Estados Unidos.

Regimes Ditatoriais na Europa

Como regime político, as ditaduras vieram ao encontro dos anseios de alguns grupos sociais de países europeus que no pós-guerra enfrentavam uma grave crise econômica e social.

Na Itália, em 1919, Benito Mussolini funda o Partido Fascista, que se caracterizava pela defesa de um regime autoritário, nacionalista e militarizado. Em 1922, ele organizou a Marcha sobre Roma, um desfile dos membros do Partido. Em seguida foi nomeado primeiro-ministro e daí não tardou a se tornar um dos maiores ditadores da História: aboliu os direitos civis, estabeleceu a censura dos meios de comunicação, empreendeu conquistas militares. Por outro lado, procurava “levantar” a situação econômica da Itália: desenvolveu a agricultura, o comércio e a indústria.

O Fascismo não se limitou a Itália: na Espanha, por exemplo, os fascistas triunfaram depois de uma terrível guerra civil contra os republicanos. Foi a chamada Guerra Civil Espanhola (1936 – 1939). Apesar dos republicanos contarem com diversos grupos da sociedade espanhola (comunistas, social-democratas, anarquistas) e até mesmo com voluntários do mundo inteiro, acabaram derrotados por Francisco Franco, que também tinha apoio de peso: latifundiários, a burguesia em geral, boa parte da classe média e da Igreja Católica e os fascistas italianos e alemães.

Podemos dizer, entretanto, que o modelo autoritário que mais assombrou o mundo foi o da Alemanha Nazista. Ao terminar a 1ª Guerra, este país mergulhou num caos político e econômico. Em 1921, foi criado o Partido Nazista e muitos alemães começaram a ver as idéias deste partido como “salvadoras da pátria”.

A escalada do maior líder nazista, Hitler, foi meteórica: em 1930, venceu as eleições parlamentares, em 1933, passou a chanceler. Depois da morte do presidente alemão, tornou-se chefe de Estado e iniciou uma ditadura: dissolveu os partidos políticos, fechou os sindicatos, criou os campos

de concentração para onde eram levados todos que se manifestassem contra o regime e, em especial, os judeus. Criou uma polícia política, que vigiava a todos e punia severamente quem preciso fosse. O nazismo, vale lembrar, foi responsável por uma das maiores tragédias da humanidade: o Holocausto, ou seja, a morte de milhões de judeus e outros tantos ciganos e russos nos campos de concentração.

Fonte: http://www.mundovestibular.com.br.Acessado em 24/11/2008

A Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945)

O segundo conflito seria ainda mais sangrento por causa da grandiosidade dos acontecimentos que atingiram todos os países do mundo. Além do mais, este conflito teve uma duração maior e um número de mortes assustador.

Não podemos, no entanto, perder de vista a relação que esta guerra teve com a primeira. O desentendimento entre os paises imperialistas continuava e, agora, era agravado por outros fatores: a revolta da Alemanha, insatisfeita com o Tratado de Versalhes, os choques entre as idéias fascistas e socialistas, o expansionismo e militarismo de algumas nações, como Alemanha, Itália, Japão, unidas numa aliança chamada de Eixo.

Dessa vez, o “pontapé inicial” seria a invasão da Polônia pelas tropas alemãs. Inglaterra e França resolveram repudiar a atitude alemã, declarando guerra à Alemanha.

Começava a Segunda Guerra Mundial!

A primeira fase do conflito (1939 a 1941) foi bastante favorável à Alemanha, que conquistou a Dinamarca, Noruega, Holanda, Bélgica, França e territórios no norte da África. Em 1941, invadiu a União Soviética, e neste mesmo ano os japoneses atacaram a base militar dos Estados Unidos do Oceano Pacifico (Pearl Harbor).

A partir de 1942, a guerra tornou-se, de fato, mundial: o mundo se confrontava em dois blocos: o Eixo (já mencionado) e os Aliados, formados pela Inglaterra, França, Estados Unidos e União Soviética.

Os combates se intensificaram e os aliados passaram a ganhar batalhas. Foi aí que veio o “Dia D”: quando os aliados desembarcaram no litoral da Normandia, na França. Isso já foi em 1944. Lembrando que a derrota Alemã começou antes, em 1942, pela Batalha de Stalingrado, na URSS, e que representou “um novo gás” para as forças aliadas. Finalmente, em 9 de maio de 1945, a guerra chegava ao fim, na Europa, com a rendição da Alemanha.

Na Ásia, os conflitos ainda se estendiam. Até que em agosto de1945, os Estados Unidos explodiram bombas atômicas em duas cidades japonesas: Hiroshima e Nagasaki, levando o Japão a se render.

O mundo, mais uma vez, sofreria uma grande transformação. Além da experiência da guerra, muitos países veriam seus territórios ganharem novos contornos e definições: a independência das colônias africanas e asiáticas, a divisão do mundo em dois blocos (socialista e capitalista), a divisão da Alemanha em Ocidental e Oriental, a anexação de países da Europa Oriental ao bloco socialista.

Imagens da Segunda Guerra

Fonte: profedu.blogspot.com. Acessado em 08/12/2008

Para onde caminha a humanidade?

O caminho percorrido pela humanidade até nossos dias tem sido de “paz na guerra” ou “guerra na paz”, ou seja, desde o surgimento dos seres humanos, os conflitos têm sido constantes, variando, na verdade, os objetivos e as armas usadas nos combates.

Nos grupos humanos mais simples já tínhamos a luta pela sobrevivência transformando-se em luta de fato, quando precisavam disputar territórios, alimentos e até mesmo, o fogo. O domínio das técnicas agrícolas e sua consequente prosperidade não atenuaram os conflitos. Muito ao contrário: mais do que nunca era preciso disputar as terras mais produtivas e o excedente.

Sem dúvida, o alto grau de desenvolvimento conseguido nos tempos modernos também não deu conta de amenizar as disputas. Os conflitos foram se tornando mais intensos porque retratam as crescentes desigualdades entre os povos e entre grupos sociais dentro de um mesmo povo.

A “guerra na paz” nos parece mais confortável porque retrata os conflitos que ocorrem em determinados lugares e que o restante do mundo assiste “como um programa de TV”. Lembremo-nos, por exemplo, dos conflitos entre palestinos e judeus, a partir da criação do Estado de Israel em 1947, e que, apesar do acordo de paz, vem se prolongando até nossos dias.

É bom não esquecer que, após a Segunda Guerra, foi criado um órgão chamado de Organização das Nações Unidas (ONU), que tem por objetivo garantir a paz mundial. Mas que não tem sido muito bem-sucedido na resolução de tantos conflitos.

A “paz na guerra” é mais ameaçadora porque traz a iminência de um conflito para o mundo todo, como foram as guerras mundiais. Neste momento, toda a humanidade reflete sobre as conseqüências das razões que se escondem por trás das ações bélicas. Lembremo-nos que, num mundo cada vez mais globalizado, ações como as dos EUA, quando invadem um determinado país, podem trazer à tona um conflito mundial com muito mais rapidez do que ocorreu nas guerras estudadas neste módulo.

Como podemos entender essas questões? Trabalhar pela paz ou apenas esperar por ela?

A Paz (Gilberto Gil)

A paz invadiu o meu coração
De repente me encheu de paz
Como se o vento de um tufão
Arrancasse meus pés do chão
Onde eu já não me enterro mais
A paz fez um mar da revolução
Invadir meu destino à paz
Como aquela grande explosão
Uma bomba sobre o Japão
Fez nascer um Japão de paz.
Eu pensei em mim, eu pensei em ti
Eu chorei por nós
Que contradição só à guerra faz
Nosso amor em paz
Eu vim, vim parar na beira do cais.
Aonde a estrada chegou ao fim
Onde o fim da tarde é lilás
Onde o mar arrebenta em mim.
No lamento de tantos “AIS”.

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

1. Escreva, em seu caderno, versos do poema Rosa de Hiroshima, que consigam traduzir os horrores da guerra.

2. O anti-semitismo dos nazistas é uma maneira de ver com preconceito grupos diferentes. Relate, com suas palavras, casos de preconceitos que ainda existam em nossa sociedade.

3. Procure em jornais e revistas situações conflituosas atuais que possam ser classificadas como “guerras”. Justifique suas escolhas.

4. Lendo a letra da musica “A paz” e, refletindo sobre o tema deste módulo, construa um pequeno texto sobre as possibilidades de paz para o mundo.

O que seria viver em um mundo dividido em blocos?
Em qual bloco estávamos? Quem inventou essa ideia carnavalesca?

Churchil, Roosevelt e Stálin, na Conferência de Yalta

Fonte: http://www.educa.madrid.org/web/ies.mariaguerrero.colladovillalba/tic. Acessado em 24/11/2008

Você deve estar se perguntando: que absurdo é esse? Como o mundo pode ser dividido em blocos? Mas na verdade o mundo já foi dividido em dois blocos, transformou-se num mundo bipolar. Como ficaram os países, os povos e nações nesse cenário bipolar?

Para pensarmos com clareza sobre as peculiaridades existentes entre países, povos e nações, é importante recordarmos os elementos que constituem um Estado: **o povo, o território e sua autonomia** (governo ou poder político). Todo país que é constituído desses três elementos forma um Estado Nacional. Esse conjunto de fatores em tempo de paz contribui para que a vida diária das pessoas seja normal, ou seja, prossiga conforme a sua situação rotineira.

Um povo que vive enquanto nação em um território com autonomia política, participa desse processo porque se relaciona, contribui economicamente e elege seus governantes, portanto, todo país que constitui um Estado Nacional, naturalmente é constituído de pessoas que se relacionam enquanto exercem sua cidadania cultural, econômica e política (Nação).

Mas a vida comum é constituída de conflitos. Pense como é difícil a convivência entre vizinhos: cada um convive entre espaços sociais, tais como, o ambiente de sua casa, o quintal, a calçada, o corredor do prédio, o elevador, as escadas, o condomínio e até mesmo a própria rua. Espaços que muitas vezes são sinônimos de fronteiras, mesmo que sejam vias públicas, são demarcados como territórios de convivências ou em conflitos. Imagine agora espaços sociais que vão além do entorno de sua residência e que seus limites não sejam calçadas e nem ruas e nem o próprio bairro, mas fronteiras entre países. Se entre vizinhos já é difícil, elevemos essa situação a um problema além de questões individuais.

Vamos tratar neste módulo de questões que assolaram o mundo durante a Política Bipolar. Leia as definições abaixo para você poder entender melhor o assunto:

Povo: "Conjunto de indivíduos que falam a mesma língua, têm costumes e hábitos idênticos, afinidade de interesses, uma história e tradições comuns".

(Aurélio, 1989)

Nação: "É uma sociedade que ocupa um dado território e inclui senso de identidade, história e destino comuns".

(JOHSNON, Allan G., In Dicionário de Sociologia, 1997).

Território: "É a parcela geográfica que serve de habitat exclusivo a um grupo humano, um grupo animal ou um indivíduo".

(Alvarez Vil lar, In: Dicionário de Ciências Sociais, F. Getúlio Vargas, 1987).

Governo: "É um conjunto particular de pessoas que, em qualquer dado tempo, ocupam posições de autoridade dentro do Estado, revezam-se regularmente, ao passo que o Estado perdura".

(Aurélio, 1989)

Política Bipolar

Refere-se a um modelo de disputa política hegemônica, exercida pelas duas superpotências mundiais, URSS e EUA. Após a Segunda Guerra Mundial, ambas passaram a estabelecer uma disputa das fronteiras geopolíticas no sentido Leste (Domínio de Socialismo) e Oeste (Domínio do Capitalismo).

Não é fácil entender o mundo dividido por dois sistemas econômicos: Capitalismo versus Socialismo. Mas foi dessa maneira que se estabeleceu a política mundial entre 1945 (fim da Segunda Guerra Mundial) a 1989 (declínio do socialismo soviético). Foi quase meio século de convivência antagônica.

Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), foi necessária uma reorganização da economia mundial, feita pelos vencedores: EUA, Inglaterra, URSS e França. Estes países, antes do desfecho da guerra, reuniram-se na cidade de Bretton Woods (Costa Leste americana), para tomarem decisões sobre o caminho da economia mundial enfraquecida com a guerra. Essa reunião ficou conhecida como Conferência de Breton. Ficaram estabelecidas as seguintes decisões:

- Criação de organismos financeiros para concessão de empréstimos: FMI (Fundo Monetário Internacional) e o BIRD (Banco Internacional de Reconstrução e de Desenvolvimento), ambos com sede em Washington (Capital dos Estados Unidos);
- Adoção do padrão dólar-ouro, garantido pelo governo norte-americano. Este fato contribuiu para o fortalecimento da sua moeda.

A Guerra Fria

Em 1947, o presidente dos EUA, Harry Truman (1884 -1972), fez uma declaração no Plenário do Congresso Americano, revelando uma posição unilateral: *"Os Estados Unidos deveriam apoiar os povos livres que resistiam a tentativa de servidão por minorias armadas ou pressões externas"*.

Essa política norteou a contenção do avanço socialista e ficou conhecida como "Doutrina Truman", já que, após a Segunda Grande Guerra, os países europeus que estavam sob domínio do nazismo (Alemanha Oriental e os países do Leste) passaram para o domínio soviético. A Doutrina Truman é um dos marcos da Guerra Fria.

Guerra Fria foi o conflito não declarado entre as duas grandes potências, EUA X URSS, em que a busca pela supremacia passou a ser expressa por meio do poder bélico e da corrida espacial.

Ficaram estabelecidas as seguintes medidas pela Doutrina Truman:

- Plano Marshall: recuperação econômica e de investimento para os países da Europa Ocidental. Seu idealizador foi o General George Marshall (1880 - 1959).
- A formação da **OTAN** (Organização do Tratado do Atlântico Norte), aliança militar para garantir segurança entre países membros (Europa Ocidental e EUA).
- A autorização para a CIA (Central Intelligency Agency) interferir diretamente em assuntos internos e externos, como por exemplo, a instauração das ditaduras militares do Brasil, Argentina, Chile e Nicarágua.
- Fortalecimento do Comitê de Atividades Antiamericanas, criado em 1945, com a finalidade de identificar e punir pessoas suspeitas, ou seja, comunistas. Em 1950, passou a ser liderado por Joseph McCarthy e sua campanha ficou conhecida como Macartismo.

Em contrapartida à ação da OTAN, foi estabelecido pela União Soviética o **Pacto de Varsóvia,** uma forte aliança militar entre a potência socialista e países membros da URSS e Leste Europeu.

Em 1948, a Alemanha estava dividida em duas regiões, uma Ocidental controlada pela Inglaterra, França e Estados Unidos e a outra, Oriental, controlada pela URSS. O lado Oriental foi fechado por um bloqueio de ligações ferroviárias a Berlim. Esta, apesar de estar situada ao Oriente, estava sob controle dos aliados. O Bloqueio de Berlim causou um mal-estar mundial. Foi suspenso em 1949, com a criação de dois Estados diferentes: a República Federal da Alemanha ou Alemanha Ocidental (Capitalista) e a República Democrática Alemã ou Alemanha Oriental (Socialista).

Você deve estar se perguntando como um país com seu território, o seu povo e o seu governo podem de uma hora para outra se desintegrar e ressurgir anexado a outro. Lembre-se da Segunda Guerra Mundial, que provocou perdas irreparáveis. Mas nenhuma guerra pode apagar a nossa memória, a nossa identidade e nem os nossos costumes. Em 1961, para impedir as constantes fugas e o contato das pessoas entre as duas Alemanhas, o governo da Alemanha Oriental construiu um muro que dividia ao meio a cidade de Berlim. Fortemente vigiado, passou a ser o maior símbolo da Guerra Fria.

Quando a Guerra Fria esquentou

A princípio, tudo parecia apenas um jogo de disputas, como a espionagem, a corrida espacial e a armamentista. Porém, a coisa foi ficando séria demais. Observe as figuras, leia as legendas das fotos, e reflita se a Guerra Fria foi ou não inofensiva.

Kim, 9 anos, fugindo de bomba Nepalm na Guerra do Vietnã (1961-1975)
(fluido incendiário atirado com lança-chamas em forma de gel)
Fonte: www/htt//pt.wikipedia.org/wiki/Guerra Fria.Acessado em 24/11/2008

Genocídio em Aldeia My Lai, 504 civis mortos
Fonte: www.wikipedia.org/wiki/Guerra Fria. Acessado em 24/11/2008

Principais conflitos da Guerra Fria

- **Guerra da Coréia (1950 / 1953)**

Libertada do controle japonês pelos países aliados ao final da Segunda Guerra, a Coréia foi dividida, originando a Coréia do Norte, sob a hegemonia soviética, e a Coréia do Sul, sob a influência dos EUA. Na região da linha divisória entre as duas Coréias (paralelo 38º N) eram constantes os conflitos.

Em 1950, os norte-coreanos avançaram militarmente sobre o sul. A reação norte-americana foi imediata, conseguindo que a ONU considerasse a Coréia do Norte nação agressora e autorizasse o envio de tropas internacionais à região. O governo chinês passou a se sentir cada vez mais ameaçado com as incursões das tropas da ONU até quase suas fronteiras, levando MaoTsé-tung a desencadear uma contra-ofensiva (1950), destinada a provocar o recuo das forças do general MacArthur.

Os combates, cada vez mais acirrados, aumentavam a tensão política.

Em 1953, negociações resultaram num acordo assinado em Panmujon. Foi então que o conflito terminou, mas o tratado de paz até hoje não foi assinado e a Coréia continua dividida em norte e sul. Foram cerca de três milhões e meio de mortos na guerra da Coréia e outros milhares presos, amontoados em campos de concentração.

- **Guerra do Vietnã (1961/1975)**

O Vietnã é um país asiático que fazia parte da antiga Indochina, colônia francesa. Na luta pela independência vietnamita ganhou destaque o líder guerrilheiro Ho Chi-minh, que mobilizou os camponeses na luta contra os colonizadores franceses. Em 1954, o movimento conseguiu a vitória definitiva, ficando a região dividida em três países: Vietnã, Laos e Camboja.

O Vietnã ficaria dividido em duas partes: o Norte, dirigido pelos comunistas de Ho Chi-minh; o Sul, ligado ao ocidente capitalista. No prazo de dois anos, deveriam ser realizadas eleições para unificar as duas partes. No entanto, no contexto da Guerra Fria, temendo que os comunistas saíssem vitoriosos, os Estados Unidos impediram a realização das eleições, sendo estabelecida uma ditadura militar no Vietnã do Sul.

A partir dos anos 60, os EUA enviaram cada vez mais soldados para o Vietnã, tendo oportunidade de testar modernos equipamentos bélicos. Morreram milhões de vietcongues (nome dado aos guerrilheiros do Vietnã do Sul favoráveis a Ho Chi-minh), mas eles não se renderam.

Em 1975, os norte-americanos foram expulsos da região, deixando milhares de pessoas mutiladas pelas queimaduras provocadas pelo napalm e terras imprestáveis para a lavoura, devido ao uso do agente laranja (violento herbicida). Era a primeira derrota militar da história dos EUA.

Em 1976, acontece a unificação nacional com o nome de **República Socialista do Vietnã.**

Corrida Armamentista e Espacial

O primeiro país a iniciar o processo de corrida armamentista foi os Estados Unidos da América, ao lançar as bombas atômicas (nucleares), em 1945, nas cidades japonesas de Hiroshima (6 de agosto) e Nagasaki (9 de agosto), para forçar a rendição do Japão no fim da Guerra. Isso estabeleceu seu potencial bélico. Em 1949, a União Soviética anuncia que tinha conseguido fabricar sua primeira bomba atômica. Daí em diante inicia-se a corrida armamentista entre as duas potências.

Os soviéticos não foram os pioneiros na corrida nuclear, mas passaram à frente dos norte-americanos na corrida espacial.

- Em 4 de outubro de 1957, lançaram o Sputinik I, primeiro satélite espacial a ser colocado em órbita.
- Em 3 de novembro, foi a vez do Sputinik II, transportando pela primeira vez um ser vivo: a cadela Laika.
- Em 12 de abril de 1961, foi a vez de o primeiro homem observar que "A Terra é Azul", palavra do cosmonauta Yuri Gagárin, comandante da aeronave Vostok.

Para não ficar para trás, os americanos foram os primeiros a pisar na Lua e contemplar a olhos nus "As muralhas da China": em 20 de julho de 1969, aconteceria a chegada do homem à Lua, com os norte-americanos Neil Armstrong, Edwin Aldrin Jr e Michael Coillins, a bordo da Apollo11.

Países Não-Alinhados

A Política Bipolar estabeleceu um panorama geopolítico que simbolicamente reunia os países em blocos:

- Países do Primeiro Mundo: países desenvolvidos capitalistas;
- Países do Segundo Mundo: países desenvolvidos socialistas;
- Países do Terceiro Mundo: países pobres ou subdesenvolvidos não-alinhados.

Em 18 de abril em 1955, em Bandung, Indonésia, por iniciativa da Birmânia, atual Mianmar, ocorreu a Conferência Afro-Asiática. Nela ficou estabelecida (por vinte e nove países) a recusa da divisão do mundo em dois blocos, com sistemas sociais e ideológicos antagônicos, razão pela qual se instituíram como países de Terceiro Mundo e formularam o princípio de uma política de não-alinhamento com as grandes potências (EUA e URSS). A Conferência condenou a segregação racial, defendeu o direito de os povos decidirem seus próprios caminhos e uma política contrária ao uso de armas nucleares, defendendo um projeto de desarmamento e possivelmente políticas diplomáticas por vias pacíficas.

Declínio da URSS e a Formação da CEI

No final da Segunda Guerra Mundial, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas completou o seu território com as seguintes anexações: parte da Finlândia, Estônia, Lituânia, parte da Alemanha (RDA), Polônia, Checoslováquia e Romênia (Europa), parte da Mongólia e algumas ilhas da Ásia.

A organização do Estado Soviético foi centralizada e autoritária. O planejamento da economia levou a profundas distorções: crescimento excessivo da indústria pesada, com investimento na indústria bélica e segurança militar, chegando a representar um quarto da economia. O governo investia em determinados setores: transporte coletivo, energia, habitação e alimentos básicos. Porém, o maior investimento ficava mesmo no setor militar, em função da Guerra Fria. Os bens de consumo duráveis eram escassos e caros.

O Estado foi perdendo sua capacidade de gerar riqueza, com uma máquina burocrática centralizada e com as empresas sem autonomia na produção.

Diante de tais fatores, o governo soviético, sob a liderança de Mikhail Gorbatchev, iniciou uma série de reformas políticas e econômicas (Glasnost e Perestroika), com o objetivo de tirar o país da estagnação econômica. Entre as medidas podemos destacar:

- Autonomia de gestão de empresas e investimento estrangeiro no país.
- Aumento da produtividade no campo por meio de arrendamento ou venda de terras.
- Regulamentação de alguns preços pelo mercado e não mais por decretos.
- Redução do poder do aparelho estatal, limitando obstáculos burocráticos e maior transparência nas medidas políticas.

Em 21 de dezembro de 1991, foi extinta a URSS e criada a CEI (Comunidade dos Estados Independentes). A CEI não era um país, mas uma organização de cooperação entre os doze países que integravam a URSS. As Repúblicas dependiam umas das outras para garantir a produção industrial e todas dependiam da Rússia para lhes fornecer equipamentos e tecnologia. Veja no mapa os países que compunham a CEI:

O fim da Guerra Fria

O marco do fim da Guerra Fria foi a queda do Muro de Berlim (1989), símbolo da decadência da URSS, que se desintegrou em 1991. O Mundo Bipolar, que havia durado décadas, já não era mais o mesmo. Acordamos sem medo do “Dia Seguinte” (vítimas de uma suposta guerra nuclear).

Que nova ordem coordena o mundo atual? Por que os Estados Unidos assumiram o papel hegemônico de potência mundial? Para responder a todas estas indagações, será necessário prosseguirmos nos estudos. Mas com o que você já estudou, dá para afirmar que o mundo atual é resultado desse período.

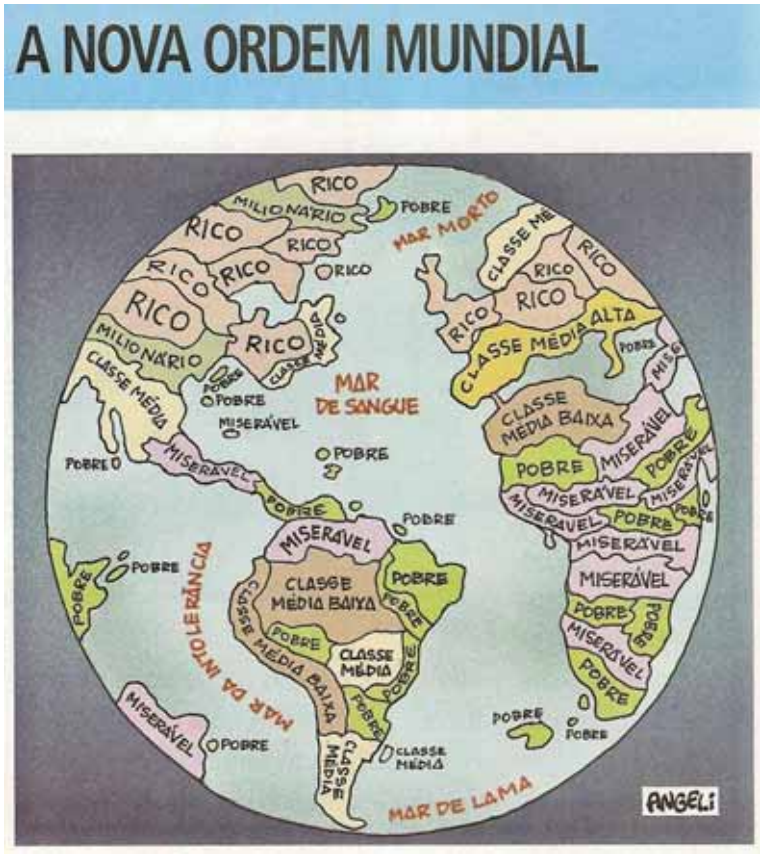
SUGESTÕES DE ATIVIDADES

1. Explique os fatores que estabeleceram a divisão do mundo em dois grandes blocos após a Segunda Guerra Mundial.

2. Pesquise o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) que determina a classificação dos países em ricos e pobres, nos dias atuais.

3. Pesquise acontecimentos que marcaram o período da Guerra Fria nos seguintes continentes:
    - Ásia
    - Europa
    - América Latina

O que é a nova ordem mundial? Como a nova ordem mundial afeta as nossas vidas? Quais são os elementos que definem essa nova ordem?



Fonte: www.eja.org.br. Acessado em 24/11/2008

Você estudou sobre o mundo bipolar, uma época marcada por um conflito chamado **Guerra Fria**. Durante essa época, os Estados Unidos e a União Soviética lideraram o mundo e havia um conjunto de países pobres ligados a um ou a outro.

Este mundo bipolar acabou. Seu fim foi marcado por dois importantes acontecimentos: a derrubada do Muro de Berlim, em 1989, e o fim da União Soviética, em 1991.

A partir desses dois fatos diz-se que o mundo vive uma **nova ordem**.

Podemos compreender como a nova ordem mundial está sendo construída, observando coisas simples do nosso dia-a-dia. O ritmo de trabalho, os produtos que consumimos e seus preços, as notícias de lugares longínquos e de lugares próximos, a violência do cotidiano, as guerras e a paz.

No nosso dia-a-dia, somos obrigados a utilizar aparelhos eletrônicos muito complexos para os quais não temos um treinamento adequado: são aparelhos de televisão, que necessitam ser programados; caixas eletrônicos que mudam de comando, para dificultar a ação de ladrões e dar mais segurança aos bancos; telefones celulares cada vez mais complexos, que tiram fotos, filmam e enviam mensagem pela internet. Até mesmo as roletas dos ônibus receberam um aparelho eletrônico para cobrar passagem.

Nesse cenário que vamos começar a estudar, dois aspectos chamam a atenção: a **riqueza** e o **poder**. Os dois trabalham conjuntamente para a construção desta nova ordem.

Agora vamos começar a ver como a **riqueza** está presente na nova ordem mundial.

Os ricos e os pobres

A divisão do mundo entre ricos e pobres tornou-se uma realidade ainda mais aguda e visível. Isto tanto é verdade para o conjunto dos países e nações, quanto é verdade para cada um dos países isoladamente.

O desenvolvimento econômico passou a depender de fatores básicos: capital para investir, novas máquinas e tecnologias, capacitação técnica e científica para operar as novas máquinas e para desenvolver novas tecnologias. Por essa razão, apenas poucos países estão aptos a participar do desenvolvimento econômico garantindo níveis adequados de bem-estar aos seus cidadãos.

Resumindo, o desenvolvimento econômico passou a depender de capital e conhecimentos científicos. Os países que apresentam elevadas taxas de analfabetismo ou cujas culturas nacionais seguem padrões tradicionais apresentam mais dificuldade para acompanhar as mudanças necessárias a esse desenvolvimento.

A conseqüência mais gritante deste conjunto de fatores é que a nova ordem internacional se reflete exatamente na divisão do mundo entre **países ricos** e **países pobres**. Esta divisão não é nova. Porém, agora, a diferença entre os dois grupos aumenta cada vez mais.

O mapa a seguir, identifica os paises mais ricos do mundo: os EUA, a Inglaterra, a França, a Alemanha, o Canadá, a Itália, o Japão, (que formam o G7) e a Rússia.

O desenvolvimento dos países ricos concentra a maior parte das riquezas, da produção e do consumo e, impede ou dificulta, o desenvolvimento dos países pobres. Isto acontece por causa daqueles fatores acima referidos: capital e conhecimento. Mas não é só isso.

Após um longo período de crescimento dos países desenvolvidos ocorrido após a II Guerra Mundial, a economia desses países encontrou grande dificuldade de crescer. As décadas de 1970 e 1980 foram uma época de crise. Por causa dessa crise os países ricos redefiniram as regras do comércio internacional.

Para enfrentar a crise, as economias desenvolvidas necessitavam incorporar novas tecnologias, modernizar a produção, aumentar a produtividade, padronizar os produtos. Tudo isso para reduzir os custos e aumentar os lucros.

Estas transformações no processo de produção dos países desenvolvidos aprofundaram as tendências do capitalismo de concentrar a riqueza e centralizar as decisões econômicas: houve fusões de empresas, incorporação de empresas, formação de conglomerados.

Um exemplo desse processo pode ser dado pela fusão da empresa Brahma com a empresa Antártica, que juntas formam a **Ambev**. Estas duas empresas concorriam no mercado de cerveja e refrigerantes. Juntas formaram uma grande companhia, que se lançou no mercado regional: o Mercosul.

Estes fatos são responsáveis pela formação dos **blocos econômicos**. Os blocos econômicos são acordos comerciais em que vários países procuram soluções comuns para os problemas econômicos.

Dentro de cada bloco são praticadas determinadas regras comerciais que unificam o mercado. Essa unificação favorece as empresas que operam nesses mercados, reduz os custos e aumenta os lucros.

Os países pobres desejavam uma redefinição das regras de comércio que beneficiasse os produtos por eles exportados, geralmente produtos agrícolas e minerais, porém não foi isso que ocorreu. A era da produção e do comércio globalizados não significa que a riqueza esteja globalizada. Pelo contrário, a riqueza é cada vez mais concentrada nos países ricos que formam os principais blocos econômicos. São eles:

- **NAFTA**, Tratado de Livre Comércio da América do Norte, liderado pelos Estados Unidos;
- **UNIÃO EUROPÉIA**, liderada pela França e pela Alemanha;
- **APEC**, Cooperação econômica da Ásia e do Pacífico, que apresenta a liderança de vários paises, entre eles os Estados Unidos, a China, o Japão e a Rússia.

Estudaremos na seção seguinte os principais aspectos desses três blocos e também a questão da formação e desenvolvimento do Mercosul (Mercado Comum do Sul) formado pelo Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai.

Os blocos econômicos

1. APEC (Associação de Cooperação Econômica da Ásia do Pacífico)

Foi criada inicialmente, em 1989, como OSEAN (Associação das Nações do Sudeste da Ásia). Em 1993, seus membros concordaram em transformar o Pacífico numa área de livre comércio.

A APEC tem um caráter econômico, porém, muitas vezes recomenda aos seus membros ações de caráter político, como o combate à corrupção, ao narcotráfico e ao terrorismo, que podem afetar o funcionamento da economia.

As propostas desse grupo são encaminhadas por reuniões periódicas dos líderes dos países membros, ministros e conselheiros especializados que apresentam medidas de caráter coletivo e/ou de caráter particular, que devem ser adotadas.

A APEC engloba cerca de 1/3 (um terço) da população, 60% da riqueza e cerca de 47% do comércio mundial. Devemos notar que há uma grande diferença cultural, social e econômica entre os países membros, sendo que esse desenvolvimento tem se mostrado mais vantajoso para os países já industrializados cujos produtos possuem maior valor de troca, frente aos produtos primários dos países não industrializados.

Atualmente a APEC conta com 21 membros: Austrália, Brunei, Canadá, Chile, China, Hong Kong, Indonésia, Japão, Coréia do Sul, Malásia, México, Nova Zelândia, Papua-Nova Guiné. Peru, Filipinas, Rússia, Cingapura, Taiwan, Tailândia, Estados Unidos da América e Vietnã.

Veja no mapa a localização desses países:

2. NAFTA (Tratado Norte-Americano de Livre Comércio)

Foi criado durante o governo do presidente George H. W. Bush, pelos Estados Unidos, Canadá e México, e entrou em vigor em 1° de janeiro de 1994.

Os aspectos principais desse acordo são:

- Eliminar as barreiras alfandegárias e facilitar o movimento de produtos e serviços;
- Promover condições de uma competição justa dentro de sua área;
- Aumentar as oportunidades de investimento dos membros;
- Oferecer garantia e proteção aos direitos de propriedade, inclusive intelectual, dentro de sua área;
- Efetivar a aplicação e implementação desse tratado;
- Estabelecer condições para futuras ampliações do número de membros e do tratado.

Resumindo: a finalidade é aumentar os mercados dos países membros e aumentar o lucro das empresas. Esses objetivos são alcançados com uma maior facilidade de importação e exportação e de novas leis de trabalho e menos direitos sociais. Isto permite que as empresas se instalem nos lugares que oferecem os menores custos de produção, incluindo o fator mão-de-obra, ou custo do trabalho.

Uma das críticas mais freqüentes ao funcionamento do Nafta, nos Estados Unidos, é ele ter aumentado a “fuga” de empregos para o México, por exemplo, em busca dos menores custos da mão-de-obra mexicana. Outra crítica é que as trocas comerciais tendem a se concentrar dentro dos países membros, inibindo as trocas com outros grupos. Há também uma constatação do crescimento dos Estados Unidos, em relação ao México e ao Canadá, fato que tende a colocá-los em uma situação dependente dentro do grupo.

Veja no mapa a localização dos membros do Nafta:

1. Canadá
2. Estados Unidos
3. México

3. UNIÃO EUROPÉIA

Foi criada formalmente pelo Tratado de Maastricht, em 1992, e entrou em vigor em 1993, mas, em muitos aspectos, ela já vinha sendo criada desde 1957, com a (CEE) Comunidade Econômica Européia. Era composta inicialmente por seis membros: Alemanha Ocidental, Bélgica, França, Holanda, Itália e Luxemburgo. Sucessivamente outros países foram incorporados ao grupo, aumentando a área e a importância do mesmo, bem como redefinindo sua natureza.

A União Européia é mais do que um simples bloco comercial: expressa uma tendência de união política da Europa. A UE tende a constituir uma totalidade supranacional em que os poderes de soberania locais são substituídos pelos de uma soberania européia. Neste aspecto, a União Européia é uma experiência única.

Existe uma Constituição Européia que deve ser aceita por todos os seus membros, existe, ainda, um Legislativo Europeu (Parlamento Europeu) com deputados eleitos por votação direta dos cidadãos de cada país e uma moeda única européia: o Euro. O Parlamento Europeu também é dotado de poderes executivos, cuja presidência é eleita periodicamente.

Um dos principais objetivos da UE atualmente é criar e consolidar uma política externa comum, bem como organizar uma força de defesa e segurança, capaz de agir dentro e/ou fora dos limites territoriais. Por tudo isso, diz-se ter sido a União Européia a começar com a formação de um mercado comum, tornando-se algo especial. É, sem dúvida, uma forma de a Europa enfrentar a concorrência no mundo globalizado da nova ordem mundial.

Atualmente são 27 países membros da U.E: Alemanha, Áustria, Bélgica, Bulgária, Chipre, República Checa, Dinamarca, Eslováquia, Eslovênia, Espanha, Estônia, Finlândia, França, Grécia, Hungria, Portugal, Reino Unido, Romênia, Suécia. Fazem parte também da U.E os territórios ultramarinos de alguns de seus membros. A Croácia, a Macedônia e a Turquia estão em negociação para serem aceitas no bloco.

Veja no mapa a localização dos países membros:

4. MERCOSUL (Mercado Comum do Sul)

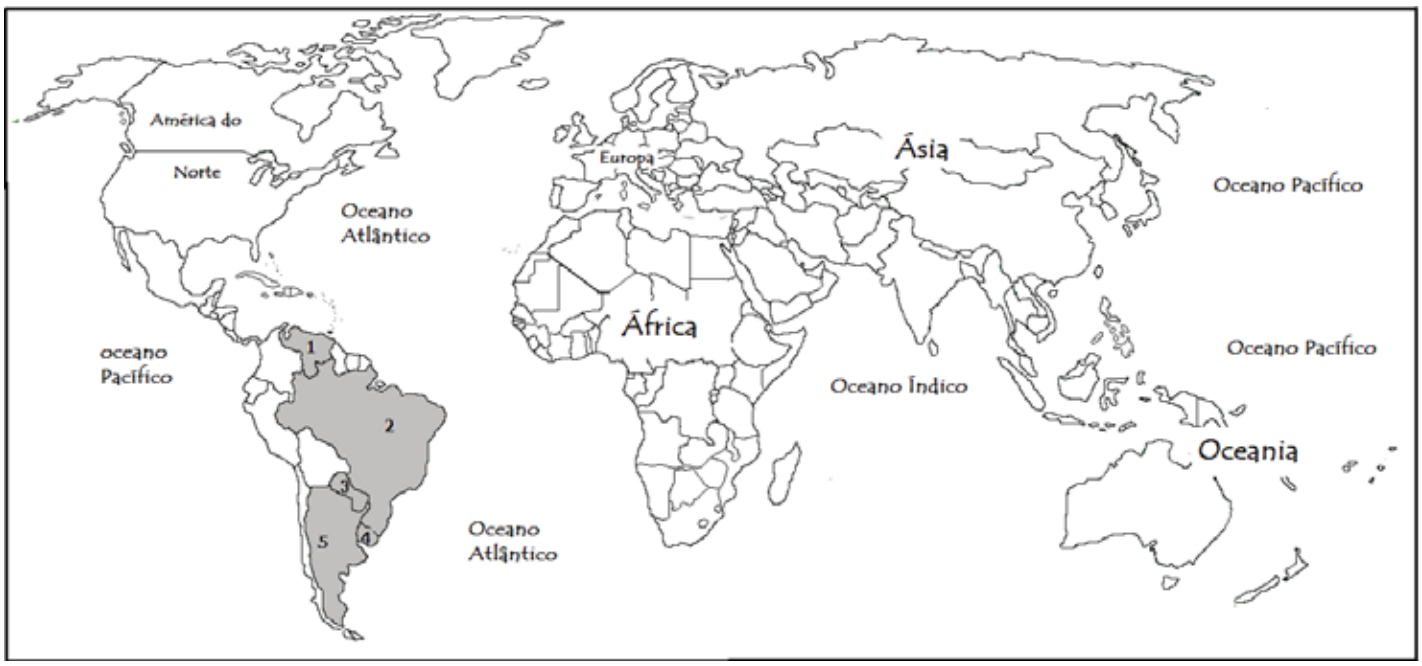
Foi criado em 1991 pelos países do Cone Sul: Brasil Uruguai, Paraguai e Argentina.

Em 1985, por iniciativa do Brasil e da Argentina, foi estabelecida uma comissão bilateral que propôs o Tratado de Integração, Cooperação e Desenvolvimento, assinado por ambos os paises em 1988. Este tratado fixou a meta de um mercado comum. Com a adesão do Uruguai e do Paraguai, formou-se o MERCOSUL, em 1991, com a assinatura do Tratado de Assunção. Inicialmente, era apenas uma zona de livre-comércio, porém, a partir de 1995, esta zona foi transformada numa união aduaneira, na qual, os países membros cobram as mesmas quotas de importação aos demais paises (Tarifa Externa Comum).

O MERCOSUL tem passado por diversos problemas, o principal deles é a concorrência que os Estados Unidos fazem com propostas de comércio bi-lateral e com a proposta da **Alca** (Área de Livre Comércio das Américas), que, entretanto, foi barrada pelo MERCOSUL.

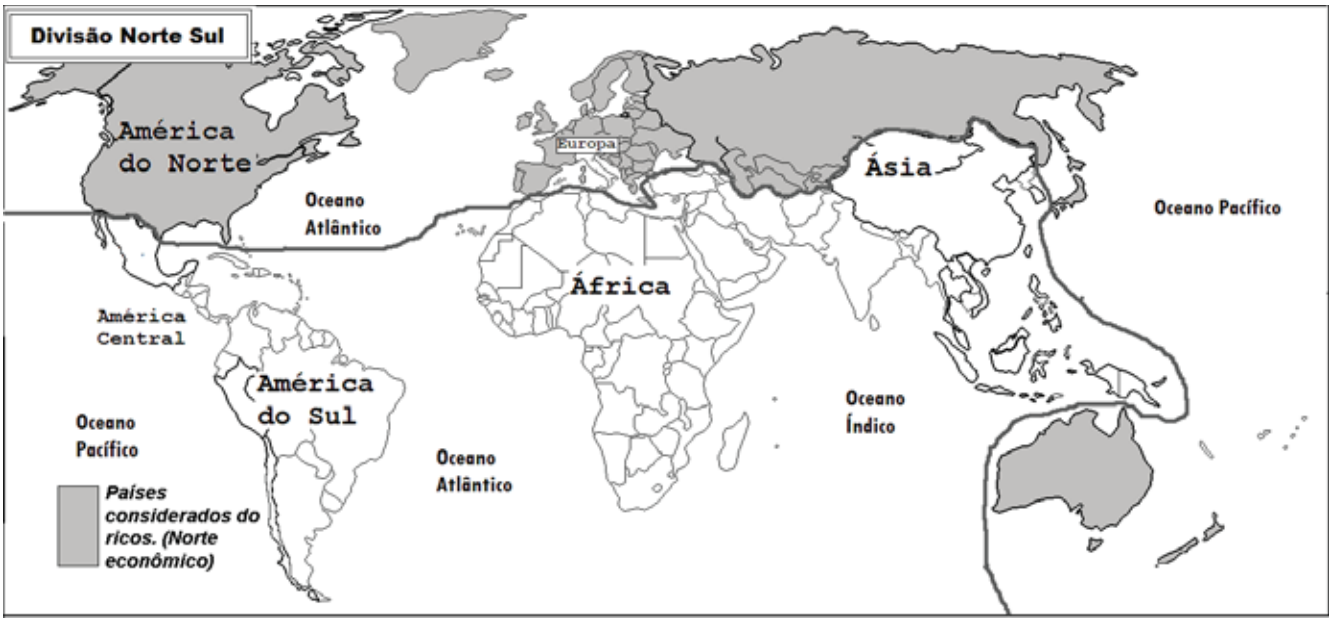
Problemas internos a cada país do Mercosul também são obstáculos a serem superados, porém, apesar deles, o Mercosul tem sobrevivido e cresceu sua importância comercial e política. No ano de 2006, a Venezuela ingressou no bloco. A aceitação da Venezuela necessita ainda ser confirmada pelos Congressos do Brasil e do Paraguai.

Veja, no mapa, a localização dos países membros: Venezuela (1), Brasil (2), Paraguai (3), Uruguai (4) e a Argentina (5).



O fim da Guerra Fria marcou a subida dos Estados Unidos à condição de superpotência, teoricamente sem competidores. Eles eram um símbolo da nova ordem que também se tornou conhecida como mundo unipolar. Nesse mundo de supremacia norte-americana, a globalização ou mundialização era apresentada como a vitória do mundo livre, do capitalismo e da democracia, prometia a paz e o desenvolvimento.

Ao contrário do esperado, o mundo não tem conhecido uma época de paz, assim como não conheceu durante a Guerra Fria. A nova ordem não engloba igualmente a todos, deixando uma legião de miseráveis em todo o mundo.



Esta expressão *conflito norte-sul* inicialmente tinha como objetivo mostrar e localizar no mundo a desigualdade entre os países pobres, em sua maioria no hemisfério sul, e os países ricos, em sua maioria no hemisfério norte. Com passar do tempo, esta divisão do mundo vem se aprofundando e ganhando novos contornos.

Hoje em dia é possível observar a existência países pobres no hemisfério norte, como a Bósnia-Herzegovina e a Albânia, e países ricos no hemisfério sul, como a Austrália e a Nova Zelândia, por exemplo. Apesar da separação entre ricos e pobres ter deixado de ser simplesmente geográfica a expressão original continuou sendo utilizada.

Daí se explica o contorno da linha divisória entre pobres e ricos no mapa acima/abaixo. Repare que ela nada tem a ver com a linha do Equador.

Por causa disso, os problemas sociais, econômicos e políticos ganharam novas formas de expressão. As rivalidades culturais e religiosas se tornaram motivos de conflitos ainda mais graves entre os povos e nações, envolvendo os diferentes governos.

A existência dos Estados Unidos como superpotência militar (seu orçamento militar supera os gastos de todos os outros países juntos) não assegura uma época de paz, como fazia supor.

As décadas finais do século XX e os anos iniciais do nosso presente século têm demonstrado que a questão do poder não se resolve apenas com ações militares. Vários fatores influenciam a ordem mundial. Problemas culturais, étnicos, nacionais e religiosos que antes pareciam ultrapassados, voltaram a ter importância.

Os conflitos regionais que, na época da Guerra Fria eram utilizados pelas potências ou abafados por elas, ganharam nova dinâmica e se impõem no cenário internacional. E nesse cenário se destacam os seguintes conflitos:

- A Guerra dos Bálcãs, antiga Iugoslávia, opondo sérvios a muçulmanos croatas, com campos de concentração e "limpeza étnica".
- Conflitos étnicos na África, como os ocorridos em Ruanda, opondo as etnias tutsi e hutus, com milhares de mortes.
- O terrorismo político e econômico que se manifesta de diversas formas, desde a luta nacionalista no País Basco e na Chechênia, até a luta religiosa fundamentalista islâmica da Al Caeda.
- A xenofobia (medo do estrangeiro) e/ou o neonazismo na Europa.
- O racismo em diversos lugares do mundo.
- A luta contra as drogas, envolvendo as forças de segurança nacionais, grupos armados de traficantes e guerrilheiros: tudo isso configura um quadro de divisão do poder.

Dentre esses diversos conflitos, escolhemos para analisar neste conjunto de problemas a **questão do Oriente Médio** porque nele estão expressos tanto conflitos étnicos e religiosos, como conflitos geopolíticos e econômicos.

O problema do Oriente Médio tem causas econômicas, políticas, religiosas e culturais. Alguns estudiosos sobre a região têm falado que estes problemas são causados por um confronto profundo entre o Islamismo e o Cristianismo ou entre a cultura oriental e a cultura ocidental.

Esses estudiosos caracterizam os orientais como místicos e fanáticos, apegados a valores ultrapassados; enquanto que os ocidentais seriam racionais, esclarecidos, modernos e atuais, que procuraram viver de modo evoluído. Esta caracterização é preconceituosa e decorre da dominação econômica e política das potências ocidentais sobre o Oriente.

O conflito árabe-israelense é um exemplo do conjunto de problemas que envolvem o Oriente Médio. Após a Primeira Guerra Mundial (1914/1918), a Liga das Nações aprovou, em 1922, a **Declaração Balfour**, proposta pelo chanceler inglês Lord Balfour, que colocou a Palestina sob o governo da Inglaterra.

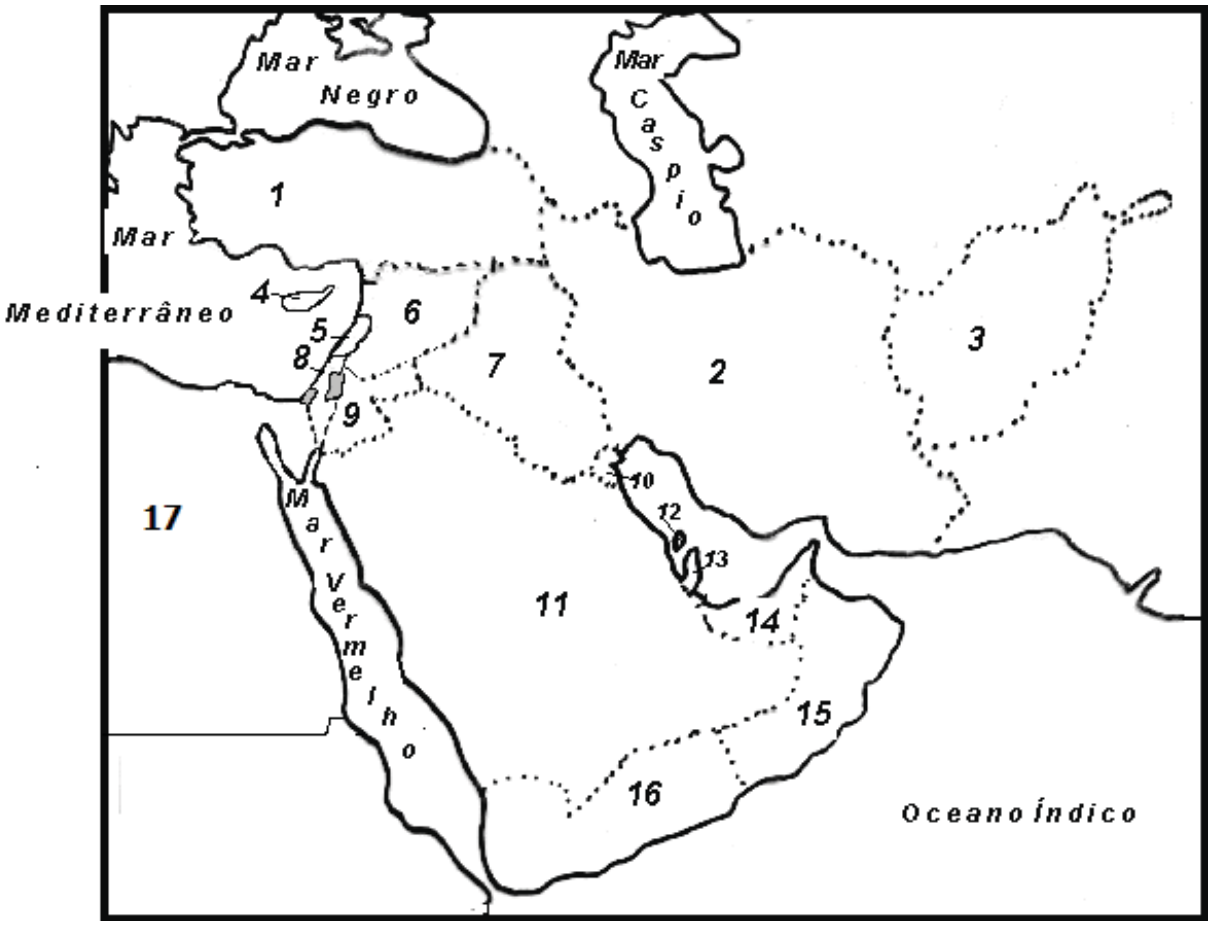
A tutela inglesa ativou a emigração judaica para a Palestina e, conseqüentemente, os atritos entre os judeus e os árabes.

Em 1947, diante dos crescentes conflitos entre os judeus e os palestinos árabes, a ONU foi incitada a intervir, decidindo pela divisão da Palestina em duas áreas: a judaica, representando 57% da região, e a palestina, com 43% da área. Isto provocou o protesto dos países vizinhos.

Em 1948, os ingleses se retiraram da região e os judeus, que lutavam pela criação de um Estado próprio, proclamaram a criação de Israel. Os países da Liga árabe (Egito, Iraque, Transjordânia (atual Jordânia), Líbano e Síria) invadiram Israel, desencadeando a **Primeira Guerra Árabe-Israelense** (1948-1949), vencida pelo novo país (Israel), que ampliou seu domínio territorial sobre a Palestina.

Quase um milhão de palestinos fugiram ou foram expulsos da região, passando a formar os grupos de refugiados que se instalaram em países vizinhos. Esta é a origem da **Questão Palestina**, ou seja, a luta dos palestinos pela recuperação de suas terras perdidas.

Observe no mapa a localização dos países da região: Turquia (1), Irã (2), Afeganistão (3), Chipre (4), Líbano (5), Síria (6), Iraque (7), Israel (8), Jordânia (9), Kuwait (10), Arábia Saudita (11), Bahrain (12), Catar (13), Emirados Árabes Unidos (14), Omã (15), Iêmem (16) e o Egito (17).



Desde a criação de Israel, já aconteceram quatro guerras árabe-israelenses, a última foi a de 1973, em que Israel ocupou a península do Sinai e as Colinas de Golan. As Colinas de Golan são estratégicas porque nelas estão as nascentes do Rio Jordão, importante fonte de água para a região.

Em 1979, com a intermediação dos Estados Unidos, o presidente do Egito Anuar Sadat e o Primeiro Ministro de Israel Menahem Begin assinaram os **acordos de Camp David,** pelos quais os dois países estabeleceram a paz e o Egito recuperava as terras do Sinai e reconhecia a existência do Estado de Israel.

A questão palestina, entretanto, sobreviveu a esses acordos e se tornou o foco dos atuais conflitos árabe-israelenses. A luta dos Palestinos se encaminha, atualmente, para a criação do Estado Palestino com plena soberania. Esta proposta encontra forte resistência dos israelenses porque os territórios de Gaza e da Cisjordânia que formariam o território do Estado Palestino também são pretendidos por Israel.

A questão do estatuto da cidade de Jerusalém é outro problema. Judeus e Palestinos querem a cidade como capital. Somem-se a esses conflitos meramente políticos os interesses ideológicos do Judaísmo, do Cristianismo e do Islamismo e temos um problema de difícil solução.

Além da questão árabe-israelense podemos pontuar uma série de problemas políticos, econômicos e estratégicos que têm sacudido o Oriente Médio:

- A Revolução Islâmica, iniciada em 1979, com a derrubada do regime pró-ocidente do Irã.
- A Guerra entre Iraque e o Irã, iniciada em 1980 por Saddam Hussein.
- A Guerra do Golfo, iniciada pelos Estados Unidos (com autorização da ONU), em resposta à invasão do Kuwait pelo Iraque.
- A guerra contra o regime Talibã do Afeganistão, liderada pelos Estados Unidos, após o ataque às Torres Gêmeas, em 11 de setembro de 2001.
- A nova guerra contra o Iraque, iniciada em 2003.
- A ameaça de guerra contra o Irã em razão de seu programa nuclear.

Todos estes conflitos são problemas que demonstram a fraqueza da nova ordem internacional. Embora os Estados Unidos sejam a maior potência militar do planeta, a tendência é que surjam cada vez mais problemas que dependem da cooperação internacional para serem resolvidos.

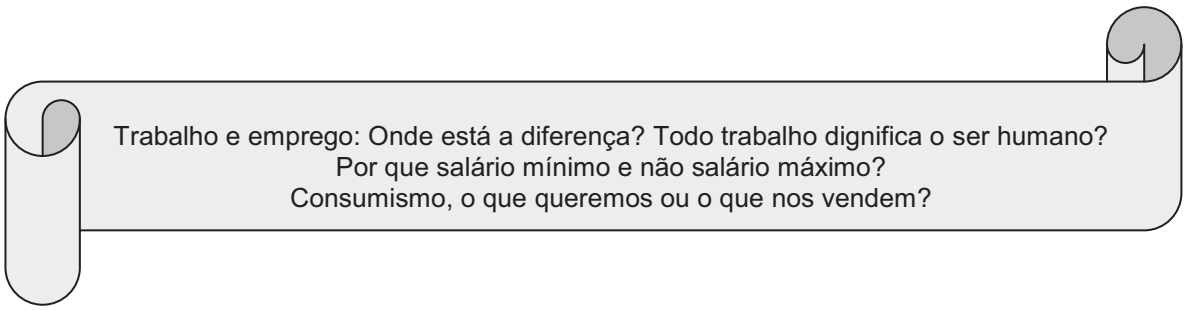
Devemos ter clareza que essa cooperação precisa ser no sentido de uma diminuição da desigualdade e da pobreza entre os povos e não no sentido da manutenção da situação de exclusão, que é a fonte dos atuais problemas na **Nova Ordem Mundial**.

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

1. Num mapa-múndi, identifique e localize os blocos econômicos e seus respectivos países.

2. Identificar a origem de alguns produtos importados e, por intermédio de rótulos, embalagens, logomarcas, apontar a nacionalidade da empresa e a importância das relações comerciais locais, regionais e internacionais para o abastecimento de nossa cidade.

3. Identificar em situações práticas a influência da **Nova Ordem Mundial** em seu cotidiano e da cidade: nas relações de trabalho, na sua escolarização e nas relações de consumo. Escreva em seu caderno as suas conclusões.



O Operário em Construção (Vinicius de Moraes)

Mas ele desconhecia
Esse fato extraordinário:
Que o operário faz a coisa
E a coisa faz o operário.
De forma que, certo dia
À mesa, ao cortar o pão
O operário foi tomado
De uma súbita emoção
Ao constatar assombrado
Que tudo naquela mesa
— Garrafa, prato, facão —
Era ele quem os fazia
Ele, um humilde operário,

Um operário em construção.
Olhou em torno: gamela
Banco, enxerga, caldeirão
Vidro, parede, janela
Casa, cidade, nação!
Tudo, tudo o que existia
Era ele quem o fazia
Ele, um humilde operário
Um operário que sabia
Exercer a profissão.
Ah, homens de pensamento
Não sabereis nunca o quanto
Aquele humilde operário

Soube naquele momento!
Naquela casa vazia
Que ele mesmo levantara

Um mundo novo nascia
De que sequer suspeitava.
O operário emocionado
Olhou sua própria mão
Sua rude mão de operário
De operário em construção
E olhando bem para ela
Teve um segundo a impressão
De que não havia no mundo
Coisa que fosse mais bela. (...)

A palavra **trabalho** tem vários significados. É só buscar no dicionário...

Neste módulo, trataremos do trabalho, comparando-o a uma ação humana capaz de gerar riquezas. Neste sentido, vamos fazer um rápido passeio para resgatar situações e significados do termo trabalho, para ilustrar nossos debates.

Para começar, vamos lembrar aquela passagem bíblica em que Deus expulsa Adão do Paraíso e o condena ao trabalho:

> Deus disse ao homem: "Já que deste ouvido à tua mulher e comeste da árvore cujo fruto Eu te tinha proibido comer, maldita seja a terra por tua causa. **Enquanto viveres, dela te alimentarás com fadiga. A terra produzir-te-á espinhos e ervas daninhas, e comerás a erva dos campos. Comerás o teu pão com o suor do teu rosto**, até que voltes para a terra, pois dela foste tirado. Tu és pó, e ao pó voltarás"
>
> (Génesis 3:17-19)

Outra informação, que vale ser lembrada, é a origem da palavra trabalho (do latim *tripalium:* instrumento de tortura) e de um dos seus sinônimos mais usados, labor (também do latim *laborare:* cambalear sob carga pesada).

Tanto pela versão bíblica (o trabalho como um castigo e uma condenação até a morte), quanto pela origem da palavra (tortura, sofrimento), a referência de trabalho que chega até nós é a de uma ação negativa, executada por alguém que está numa condição de prisão, de condenação ou de escravidão.

No entanto, a palavra trabalho, também está ligada à transformação, criação e recriação. Ou seja, o trabalho é uma ação humana que, envolvendo força física e capacidade intelectual, pode transformar a natureza e a sociedade, gerando novidades.

O trabalho é tão importante que, humanizando o mundo, gera riquezas. Foi percebendo esta possibilidade, de gerar riquezas que, ao longo da história, algumas pessoas aprisionaram, controlaram e subjugaram outras, apoderando-se, assim, de sua força de trabalho. Desta forma, tivemos pessoas trabalhando em condições **escravas**, **servis** e, mais recentemente, **assalariadas**.

O que vai diferenciar basicamente estas três formas de trabalho é a condição ou reconhecimento dos direitos: no trabalho escravo, a pessoa não é reconhecida como pessoa humana. Portanto o direito à vida não lhe pertence. Na condição servil, a pessoa é reconhecida como tal, porém sua liberdade é limitada – quase impedida – pelas obrigações para com o proprietário do negócio (terra). Já na forma de trabalho assalariado, há o reconhecimento da cidadania e da condição humana e

até a liberdade é assegurada: tudo no contrato, tudo na lei. Embora na prática, no cotidiano a história seja outra...

Sobre as formas de trabalho, duas situações merecem destaque: a primeira é que todas estas mudanças e conquistas, nas condições individuais e coletivas, são frutos de muitas lutas, muitas vidas e muita organização. Herdamos esta história de direitos conquistados das rebeliões de escravos, das revoltas camponesas e das greves organizadas por grêmios, associações, sindicatos e partidos.

Outra situação que deve ser destacada, é que estas formas de trabalho – escrava, servil e assalariada – embora sejam diferentes entre si, podem acontecer simultaneamente em um mesmo período histórico. Basta observar as freqüentes denúncias das condições de vida e trabalho de bóias-frias nos canaviais, de pessoas trabalhando nas fazendas do norte do Brasil e das massas desempregadas nas grandes cidades brasileiras.

Com a chegada do sistema capitalista de produção, o trabalho passou a ser uma das medidas na hora de montar o preço final do produto, uma vez que o empresário, além de recuperar o que investiu, vai querer ter lucro. Desta forma, o trabalho, além de transformar e criar produtos, passa, como outra mercadoria, a gerar capital, dinheiro e lucro.

Transformado em mercadoria, o trabalho – força criativa e produtiva – terá um valor, que será chamado de salário. Então, o trabalho executado em um período (turno, dia, quinzena ou mês) é trocado por um salário.

O termo "salário" vem dos tempos do Império Romano (*salarium argentum)* e significa originariamente "pagamento em sal". O salário tem, legalmente, a dupla função: remunerar um trabalho executado e sustentar fisicamente quem trabalha, para que volte a trabalhar e produzir. Está na lei.

Consolidação das Leis trabalhistas – CLT Capítulo III, do Salário Mínimo, Seção I

Do Conceito

Art. 76: Salário mínimo é a contraprestação mínima devida e paga diretamente pelo empregador a todo trabalhador, inclusive ao trabalhador rural, sem distinção de sexo, por dia normal de serviço, e capaz de satisfazer, em determinada época e região do País, as suas necessidades normais de alimentação, habitação, vestuário, higiene e transporte.

Art. 81: O salário mínimo será determinado pela fórmula **Sm = a + b + c + d + e**, em que ***a, b, c, d*** e ***e*** representam, respectivamente, o valor das despesas diárias com alimentação, habitação, vestuário, higiene e transporte necessários à vida de um trabalhador adulto.

É dentro destas características, sobrevivência de quem trabalha para (trabalhar mais), que existe o salário mínimo. A idéia que sustenta o "salário mínimo" é a de que ninguém pode ganhar menos do que o mínimo sob pena de não sobreviver. Vista, assim, a idéia é muito humanitária.

Porém, ao ser remunerado pelo mínimo, quem trabalha, além de não ter uma sobra da remuneração (acúmulo de capital), tem seu trabalho desvalorizado e desqualificado. Se fosse para garantir a importância do trabalho realizado, da humanização e do reconhecimento de quem produz, o salário não seria mínimo, seria **máximo**.

Na medida em que os processos produtivos vão se alterando, com "marketing", automação, informática e robótica teremos, menos pessoas, empregando suas forças de trabalho na produção. O trabalho passa a ser visto como uma ação alienada, desligada e independente da capacidade humana. Tem-se a impressão de que causa o trabalho é quase desnecessário.

Diante da dinâmica de trabalho-emprego-tecnologias, cabem as seguintes reflexões:

- Quais são as causas do desemprego?
- Por que tantas pessoas trabalhadoras desempregadas?
- O modelo econômico adotado no país pode acabar com o desemprego?

No quadro a seguir conheceremos as diferentes realidades de industrialização no mundo atual:

De acordo com o Relatório das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento – *UNCAD*/ 2003, comparando países da Ásia e da América Latina temos quatro grupos:

1. Industrialização madura – Por exemplo, Coréia e Taiwan, que já atingiram um grau elevado de industrialização, produtividade e renda per capita.

2. Industrialização rápida – Como a China e a Índia que com suas políticas industriais e de incentivos às exportações, favorecem elevadas taxas de investimento doméstico e graduação tecnológica, apresentando uma crescente participação das manufaturas no produto, emprego e exportações.

3. Industrialização de enclave – Países como o México. Apesar de aumentar sua participação na exportação de manufaturados, o país tem desempenho pobre, em termos de investimento, valor agregado manufatureiro e produtividade totais.

4. Os países em vias de industrialização – Inclui-se a maioria dos países da América Latina. Estão nesta turma os que, como o Brasil, alcançaram certo grau de avanço industrial, mas não foram capazes de sustentar um processo dinâmico de mudança estrutural mediante a rápida acumulação de capital e crescimento do PIB. Esses países, num ambiente de liberalização financeira e comercial, apresentam queda ou estagnação do investimento, participações declinantes da produção manufatureira no PIB.

Luis Fernando Verissimo,
17 de julho, 2003

Em textos anteriores, estudamos que, atualmente, vivemos a era da globalização capitalista e que o Brasil, historicamente, abastece boa parte do mundo com produtos agropecuários e minerais.

Dentro desta condição, de país exportador de produtos primários, importamos boa parte da tecnologia que usamos nas nossas produções. Esta relação de troca, produtos primários por tecnologia, nos coloca-nos em desvantagem no comércio mundial e reféns da política financeira internacional. Isso resulta, entre outras coisas, no aumento da dívida externa brasileira, o que dificulta o investimento público em bens e serviços primários que garantiria emprego, qualidade de vida e aumento da renda da população.

Quando juntamos as partes deste quebra-cabeça – desemprego, dívida externa, dependência tecnológica e financeira –, surge, diante de nós, três imagens: o retrato de um Estado descolado da sociedade; uma sociedade descrente nas instituições políticas e civis e um país debilitado, transformado em mais um paraíso financeiro, onde instituições lucram como nunca, o agronegócio prevalece e os setores produtivos urbanos, principalmente, estão estagnados há décadas.

Neste contexto, que gera conflitos no campo e inchaços urbanos (com todas as conseqüências visíveis e camufladas que tanto nos incomodam), surgem ações paliativas e políticas assistencialistas, como os Programas Fome Zero e Bolsa Família, **ONGs, OSCIPs** e **OSCs.**

Vamos ver o que significam estas siglas:

ONG – Organizações não governamentais.
OSCIPs – Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público.
OSCs – Organizações da Sociedade Civil.

Estas organizações atuam como um terceiro setor da administração econômica. Considera-se o Poder Público como o primeiro setor e a iniciativa privada (os empresários), o segundo setor. **ONGs, OSCIPs** e **OSCs** atuam na política de assistência, promoção e inclusão social, setores em que o Poder Público e empresariado não agem: o primeiro, por não desenvolver estrutura nem políticas para tal; e o segundo por não ver lucro imediato.

Como tais ações não geram empregos nem renda, a sociedade, com suas instituições civis e suas associações profissionais, fica enfraquecida. Dependendo das desacreditadas representações políticas parlamentares, a população não tem encontrado força para proteger e ampliar seus direitos.

É neste cenário que investidores nacionais e estrangeiros, que querem não só assegurar, mas também aumentar suas margens de ganhos, sentem-se à vontade para responsabilizar a pessoa desempregada, pelo desemprego, e exigir a **flexibilização das relações do trabalho**.

Tirando de si a responsabilidade pelo desemprego, o empresário argumenta que tem emprego, mas não tem mão-de-obra qualificada, por isso os baixos salários para a massa sem qualificação e sem escolaridade.

Assim, sem a culpa pelo desemprego, o argumento da flexibilização das relações de trabalho fica menos injusto e acaba sendo assumido até por quem está sem emprego. O verbo flexibilizar, na prática, tem significado a subtração de direitos trabalhistas (como 13º, férias, licenças e seguridade social), historicamente conquistados.

Fonte: http://infinitosmomentos.files.wordpress.com/2008/02/mafalda.jpg. Acessado em 24/11/2008

É comum ouvir empresários dizendo que é difícil investir no Brasil porque se paga muitos impostos. Principalmente em relação aos direitos trabalhistas. Argumentam que como está o produto final fica mais caro e sem preço competitivo no mercado. Tal discurso se concretiza assim: haverá investimento, a margem de lucro estará garantida, haverá geração de empregos, mas os direitos trabalhistas e salário justo serão precários e incertos.

E essa prática é possível quando o recurso da terceirização (ou do trabalho temporário) acontece: uma empresa **"X"** contrata outra empresa **"Y"** para prestar os serviços. Antes que o período de experiência termine e o que era temporário se transforme em efetivo, **"Y"** demite o pessoal. Assim, alguns direitos não são pagos.

Esta flexibilização, ou empobrecimento, nas relações de trabalho é mais uma face das condições impostas pelo mundo globalizado atual. Os investidores, com sua força financeira e tecnológica, sem pátria e sem fronteira, impõem suas condições e ditam as regras no jogo, do mercado, da produção e do consumo, aos mais fragilizados nas relações internacionais.

Fonte: tudo-em-cima.blogspot.com. Acesado em 23/11/2008

Cada vez mais transnacional e global, o mundo dos investimentos precisa de locais tranqüilos para aplicar, produzir, para vender e para lucrar – nesta ordem. Com o trabalho sendo descartado pelo emprego das tecnologias, o mercado está desenvolvendo novas estratégias, pois, com a concentração de renda e com o desemprego, não é preciso produzir muito A idéia é vender pouco, mas caro, para assegurar o lucro e garantir o investimento.

Para a massa, o que resta é o acesso a bens (de serviço ou de consumo) de penúltima geração, genéricos ou piratas e para pagar a perder de vista.

O exemplo a seguir nos dá uma dimensão da relação mercadoria/consumo/consumidor que está sendo construída:

O precioso broche da Apple

Agora não apenas ouro é suficiente: o Shuffle também vem coberto de diamantes. Talvez os designers tenham se excedido um pouco... Por apenas 248 mil coroas norueguesas, algo em torno de 40 mil dólares, você pode se presentear com um iPod Shuffe da nova geração, só que agora com uma camada de ouro e coberto de diamantes.

Fonte: www.onne.com.br/mudes.php acessado em 22/08/2007

Este consumo de altíssimo luxo, cada vez mais presente, garante o lucro, mantém o fetiche da mercadoria e a sociedade dividida. Assim, o mercado não precisa do consumo massificado. Quer dizer, estamos num momento em que a massa está sendo alienada e descartada, tanto do processo produtivo, quanto do acesso ao consumo.

A questão é: o que está acontecendo com as pessoas excluídas do campo, das cidades, da produção, do consumo e da vida... E mais: o que fazer?

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

1. Leia as frases a seguir:
   "O trabalho dignifica o homem";
   "O trabalho enobrece o homem";
   "Deus ajuda quem cedo madruga"
   Escreva sua opinião detalhada, sobre o que elas significam hoje.

2. No poema de Vinicius de Moraes, o operário ficou admirado com o que é capaz de construir e com o que já construiu. Escolha três criações humanas que você mais admira e escreva por que elas chamam sua atenção.

3. Você concorda que maioria das pessoas não tem acesso aos bens que elas produzem?
   Chame mais dois colegas da turma para debater e escrever por que isto acontece.

4. Costumamos ouvir que "a propaganda é a alma do negócio". Em sua opinião, a propaganda informa ou "faz a cabeça" de quem vai comprar?